

Universidade de Brasília

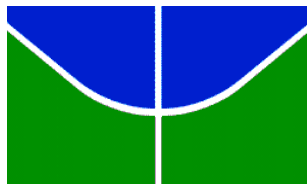
Instituto de Ciência Política

**O VOTO COMO PROCESSO INDIVIDUAL DE  
UMA ESCOLHA COLETIVA: uma análise do voto  
evangélico.**

Alisson Demí Vaz de Souza

Brasília – DF

Fevereiro/2022



Universidade de Brasília

Instituto de Ciência Política

**O VOTO COMO PROCESSO INDIVIDUAL  
DE UMA ESCOLHA COLETIVA: uma análise  
do voto evangélico.**

Alisson Demí Vaz de Souza

Monografia apresentada ao Curso de Ciência Política, do Instituto de Ciência Política, Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Ciência Política sob a orientação do professor Frederico Bertholini Santos Rodrigues.

Brasília – DF

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus primeiramente por ter me concedido a oportunidade de chegar a este momento, bem como à minha mãe, a quem devo tudo e eternamente. Ao meu pai e à minha avó, que foram fontes inesgotáveis de inspiração e apoio. Aos meus familiares pelos incentivos muito importantes, em especial aqueles com quem convivo diariamente, pela paciência e compreensão durante estes anos.

Agradeço às pessoas que foram instrumentos de Deus durante a progressão do meu curso, aqueles amigos que foram como sustentação em dados momentos e aqueles que se dispuseram de alguma forma a prestar auxílio material ou emocional.

Ao meu orientador Frederico Bertholini, por sua disponibilidade e entrega durante a sua orientação neste trabalho, bem como por seus ensinamentos e orientação tão importantes sem as quais não poderia escrever o presente trabalho de tal maneira.

## **RESUMO**

A atual relevância política do grupo evangélico não pode ser ignorada no contexto político, social e eleitoral brasileiro. Isso porque essa organização tem se mostrado efetiva e relevante em contextos determinantes para a dinâmica política no Brasil. Esse trabalho buscou compreender a forma de organização coletiva do eleitorado evangélico e como ela influencia a individualidade da escolha eleitoral dos eleitores. Essa pesquisa pretendeu elucidar esta questão e também investigar a motivação dos eleitores pesquisados ao montarem suas intenções de votos. Objetivou-se também elencar quais os temas e bandeiras são prioritárias aos eleitores evangélicos. Foi desenvolvido um estudo teórico sobre o assunto utilizando como base o livro de Smith (2019) e outras obras, bem como uma pesquisa qualitativa que auxiliou na compreensão das questões pertinentes ao assunto.

Palavras chave: Eleitores, Candidatos Evangélicos, Voto, Comportamento Político, Voto Evangélico.

## **ABSTRACT**

The current political relevance of the evangelical group cannot be ignored in the Brazilian political, social and electoral context. This is because this organization has proven to be effective and relevant in contexts that determine the political dynamics in Brazil. This work sought understand the form of collective organization of the evangelical electorate and how it influences the individuality of the electoral choice of voters. This research intended to elucidate this issue and also investigate the motivation of the surveyed voters when they are building their voting intentions. It also aimed to list which issues and slogans are a priority to evangelical voters. A theoretical study on the subject was developed using the book by Smith (2019) and other works as a reference, as well as a qualitative research that helped in the comprehension of the issues pertinent to the subject.

Key words: Voters, Evangelical Candidates, Vote, Political Behavior, Evangelical Vote.

## SUMÁRIO

### SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	6
1. OS EVANGÉLICOS NA POLÍTICA .....	9
2. O COMPORTAMENTO ELEITORAL DOS EVANGÉLICOS .....	14
3. METODOLOGIA .....	19
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO .....	23
4. 1 COMPORTAMENTO POLÍTICO .....	23
4.2 IDEOLOGIA .....	25
4.3 O VOTO .....	Erro! Indicador não definido.
5. CONCLUSÃO .....	29
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	34
7. ANEXOS .....	36
7.1. ROTEIRO .....	36
7.2. ENTREVISTAS .....	36

## INTRODUÇÃO

O voto é sabidamente individual e secreto, portanto, nasce de um processo individual em que as pessoas escolhem os seus candidatos por variados motivos e muitos deles partem de uma noção individualizada. Entretanto, outros tantos motivos nascem de uma noção totalmente coletiva, isso em razão da própria dinâmica do voto. Por ser uma escolha coletiva, o voto intrinsecamente coleciona dinâmicas coletivas que acabam por penetrar a individualidade tornando o voto que inicialmente é individual, em uma soma coletiva. O questionamento que move este projeto é conhecer em que medida essa dinâmica coletiva afeta as escolhas políticas dos indivíduos. Para a concretização dessas intenções reduziremos o campo de análise ao comportamento dos evangélicos dentro dessas perspectivas de grupo.

Em artigo escrito à EcoDebate, Alves (2018) explicita que o aumento de cidadãos brasileiros que se identificam como evangélicos ao longo dos anos no Brasil, tem influenciado significativamente a política de modo geral e de maneira específica o contexto eleitoral, por esse motivo merece atenção. No ano de 2018 o cristão e durante a campanha, auto denominado evangélico, o presidente Jair Messias Bolsonaro é um exemplo de candidato que teve sua campanha modificada e afetada positivamente pela participação dos eleitores do segmento evangélico.

O presidente eleito venceu com margem mínima entre os que se declaram católicos, perdeu para seu adversário nas religiões de matriz africana e entre ateus e agnósticos, mas foi entre os evangélicos que a diferença saltou os olhos. Com mais de 11 milhões de votos entre Bolsonaro e seu adversário, o setor evangélico em suas múltiplas denominações, deu larga vitória ao presidente entre estes, sendo suficiente essa diferença para compensar as derrotas entre os eleitores das demais religiões (ALVES, 2018).

Além do crescimento vertiginoso dos evangélicos no Brasil desde os anos 80, percebe-se também um aumento da participação política do grupo. Os evangélicos passam a não se contentar com o voto, em sua forma mais simples de participação e começam a integrar os quadros das casas legislativas e do Congresso Nacional.

A política durante esse período perde seu estigma profano dentro do grupo e é aos poucos interpretada como necessária para o grupo, por diversas razões que serão ainda explicitadas neste trabalho. Vários trabalhos demonstram que essa questão da participação das igrejas na política ainda não é um consenso entre os fiéis, entretanto anteriormente esse era um consenso negativo, era certo dentro do grupo de que os assuntos não se misturavam, hoje este assunto é dividido, mostrando que houve uma mudança na opinião dos religiosos sobre o

assunto durante os anos. O que se deve destacar, portanto, é que mesmo com essa opinião dividida, os fiéis não abrem mão de votar em seus pares, esse sucesso é alto dentro das congregações evangélicas quando do apoio a algum candidato, este sucesso supera qualquer organização política, a exemplo de partidos, associações e movimentos sociais (CARREIRO, 2018), (SMITH, 2019).

Durante a corrida eleitoral, em 2018, o voto dos evangélicos foi um fator que figura entre os mais decisivos para a vitória de Jair Bolsonaro no pleito presidencial. Além de ser uma religião em crescimento no Brasil, representando pouco menos de um terço do eleitorado total, os evangélicos demonstraram ser ativos politicamente em 2018 e capazes de mudar o rumo de uma eleição. Por estas razões faz-se notável a realização de pesquisas a fim de compreender o pensamento, interesses e comportamentos eleitorais deste segmento. O propósito neste caso não é esgotar o tema, mas apenas estabelecer a relação entre uma dinâmica de grupo, e o voto evangélico.

A intenção deste trabalho é ser guiado pela pergunta: “Qual o potencial de influência do caráter coletivo no voto evangélico?”. A hipótese a ser considerada para este estudo, a fim de que se estabeleça algum nível de reflexão sobre o tema, é que o comportamento e decisão política dos evangélicos são altamente influenciados por uma lógica de grupo, e especialmente, de defesa. Há uma tendência dos indivíduos em um grupo, identificarem apenas os indivíduos que seguem determinados comportamentos e características como parte desta coletividade. Esses comportamentos podem ser também motivados por interesses, pessoais ou coletivos, a depender do nível de identificação individual com as pautas propostas interna e externamente. A intenção é perceber em que medida o voto passa a ser menos uma proposta individual e autônoma e passar a ser uma reação inserida nesse contexto de grupo.

A partir de uma finalidade básica pura, o intuito deste projeto é relacionar como a religião pode exercer uma espécie de coerção ou como as próprias reações de grupo, são capazes de modificar o voto de seus adeptos, nesse caso, os evangélicos. Bem como entender como as pessoas inseridas neste contexto social se sentem ameaçadas por determinado discurso ao ponto de associarem a candidatos diferentes dos que escolheriam na ausência destes.

Portanto, esta pesquisa, procura responder à questão: O quanto estar inserido em um grupo, com valores tão definidos quanto os cristãos, influencia o comportamento e escolhas eleitorais dos evangélicos?

O objetivo principal desta pesquisa é compreender de que forma os evangélicos são movidos em seu comportamento político, imbuídos de um sentimento de pertencimento a um grupo e defesa deste, bem como avaliar em que medida estar inserido neste grupo minora a individualidade ou mesmo autonomia do voto dos pesquisados. Além disso, foram elencados também alguns objetivos secundários:

- Entender o que pensam sobre política e como atuam individual e coletivamente os evangélicos entrevistados.
- Absorver a percepção dos evangélicos a respeito da relação da igreja com a política.
- Pesquisar se são favoráveis às campanhas políticas evangélicas.
- Compreender a relação entre a religião e a política no comportamento dos entrevistados.
- Pesquisar os temas e bandeiras prioritárias destes eleitores evangélicos.
- Analisar de que forma o sentimento de ameaça faz o eleitor evangélico atuar politicamente movido por uma defesa.
- Compreender a motivação dos eleitores pesquisados ao votarem.
- Perceber a efetividade da lógica de grupo no voto evangélico.

Esta pesquisa pretende também contribuir de alguma maneira com o entendimento do atual contexto político-religioso vivido no Brasil. Isso porque os evangélicos como grupo político tem demonstrado ser uma potência incapaz de ser ignorada para o contexto político atual.

No desenvolvimento deste trabalho, logo ao primeiro capítulo, será discutida a relação da política com a religião no contexto político brasileiro, como ela tem se desenvolvido, quais fatores tem influenciado essa relação e como ela é percebida atualmente. Para isso foi utilizado como base, o trabalho de Smith (2019) e outros trabalhos sobre o tema. No capítulo seguinte intensifica-se a preocupação com ligação entre este comportamento político evangélico e o voto, ou seja, de que maneira esse comportamento desencadeia uma dinâmica eleitoral estrondosa. A Metodologia e a Análise dos resultados comporão os capítulos finais deste trabalho. A conclusão será realizada por meio de uma análise do contexto político e eleitoral brasileiro e com a realização de uma comparação com os resultados dos trabalhos já utilizados para embasar os capítulos iniciais.



## 1. OS EVANGÉLICOS NA POLÍTICA

Com discurso alinhado ao pensamento ideológico e religioso dos evangélicos, Bolsonaro além de larga vantagem, alcançou identificação e proteção destes eleitores em uma disputa muito polarizada. Entretanto, alguns fatores políticos influenciavam este voto, como o distanciamento da cartilha de outros partidos dos interesses evangélicos, notícias falsas, reprovação dos modelos políticos precedentes, bem como a própria campanha e discursos de Bolsonaro.

Como é explicitado por Smith (2019), uma guerra ideológica ou cultural como a brasileira, que tem sido mais intensa nos últimos anos em torno das defesas religiosas, por exemplo, pode fazer com que os evangélicos adentrem a política fortemente organizados à defesa de seus interesses.

Eu defino “guerras culturais” como conflitos democráticos generalizados e prolongados dentro de políticas, entre grupos sociais que percebem suas visões de mundo como fundamentalmente incompatíveis entre si. (SMITH, 2019, p. 04, tradução nossa).

Quando sentem que o Estado, ao adotar políticas mais seculares ou laicas pode se distanciar de seus interesses, esse grupo tende a participar ativamente da política e de sua organização de modo geral (SMITH, 2019). Esse tipo de mobilização, entretanto, até 2018, não tinha sido direcionada com tanta força e em tão grande escala a um candidato específico, especialmente presidenciáveis, como aconteceu com Bolsonaro na última eleição.

Temas que são fundamentais para os cristãos em geral como gênero, sexualidade aborto e liberdade de culto, são capazes de movimentar grupos religiosos a fim de participarem ativamente da política. Esses temas são também os mais capazes de polarizar as disputas que envolvem os interesses destes grupos. Quando estas temáticas são dispostas e identificadas positiva ou negativamente em um candidato de maneira também polarizada, isso pode levar um grupo em direção ao que se identifica positivamente (SMITH, 2019).

Essa movimentação é intensificada pela polarização, que se torna afetiva, porquanto sai do campo político para o pessoal quando estão em jogo os princípios e crenças desses indivíduos. A espiritualização da questão política, bem como a demonização do candidato adversário ou menos identificado com a religião, são fenômenos que ocorrem fortemente entre os evangélicos, principalmente. Essas são algumas das razões pelas quais temos visto um comportamento político especialmente alinhado a um espectro ou grupos políticos, a saber, os de direita, no Brasil.

Direcionados especialmente por um chamamento ideológico sensível aos cristãos, os evangélicos, sobremaneira, mostraram-se, nas últimas eleições, adeptos fieis de uma bandeira que ultrapassou os campos pessoais e religiosos para tornar-se também política. Instigados por um discurso emplacado naturalmente para causar conflito, muitos destes evangélicos acabaram por se alinhar de maneira ainda mais intensa a filosofias políticas. O questionamento que se levanta e que será tema inevitável das análises deste trabalho é: por que os cristãos, em sua maioria, se alinharam a um discurso e projeto de direita/extrema direita como nas eleições de 2018? O conservadorismo da religião não é a única resposta possível, embora seja a mais natural em nossas mentes. Na verdade, o que se pode explorar a partir deste projeto é a hipótese de que este comportamento está mais distante de um alinhamento estático, ideológico e puramente pautado em uma questão racional. O que se pretende observar é justamente a dinâmica por trás deste comportamento. Dinâmica essa, que intensifica em muitos graus a atividade política deste grupo, bem como modifica os seus comportamentos do nível mais básico ao último processo, o voto.

É importante destacar que este tema precisa ser analisado sem deixar de levar em consideração, essa relação como uma a estratégia dos grupos políticos de direita que por vezes, intensificam os seus discursos a fim de se utilizarem da avassaladora força política dos evangélicos. Na outra via, os líderes religiosos encontraram abrigo político nas asas da direita, relação que se demonstrou benéfica, sob alguns aspectos, nos últimos anos. Essa combinação política unida ao que SMITH (2019) classifica como guerra cultural tornou a direita brasileira, o espaço político compreendido pela maioria dos evangélicos como o lugar em que um cristão deve se posicionar politicamente.

O apelo moral e ideológico em dado momento é tão forte que se confunde com a própria noção do homem cristão enquanto homem político. Essa confusão implica a obrigação de se conduzir politicamente, por um critério que é tanto moral quanto religioso, alinhado àquela corrente, partido ou político que serre o seu discurso pautado nos princípios cristãos. A noção de que existe um local político adequado para o posicionamento dos evangélicos revela um caráter especialmente curioso para se analisar a lógica de como esse grupo tem se comportado politicamente. A lógica de que para pertencer ao grupo deve-se possuir um determinado comportamento político demonstra uma dupla característica. A primeira tende a tornar homogêneo o pensamento político do grupo. A segunda exerce uma espécie de coerção social em torno do indivíduo a fim de que ele se sinta um corpo estranho quando inserido neste grupo pense diferente. Ou seja, depois de estabelecidas as características que de alguma forma devem ser seguidas pelos indivíduos do grupo, aqueles que divergirem delas, são considerados como não pertencentes ou mesmo, neste caso, como não cristãos ou cristãos imperfeitos segundo os respectivos critérios.

Esse processo faz parte também do que se tornou característica da política brasileira

após o desenvolvimento de uma visão pejorativa, deslegitimada, desacreditada e mesmo criminalizada da esquerda no Brasil. Ficando ligada à corrupção, especialmente o Partido dos Trabalhadores (PT), a esquerda passou a ser estigmatizada como a grande responsável pela corrupção brasileira. Na narrativa que preponderam no atual contexto político e de boa parte da população a esquerda é considerada como estruturalmente corrupta enquanto a direita, ao contrário disso, é composta por pessoas de bem, idôneas, ou que até mesmo não são oriundas da atividade política, entendida como desonesta. Ou seja, a direita tem encontrado formas eficientes, com um apelo de costumes morais intensos, de se conectar aos cristãos no Brasil.

Com a separação do Estado das religiões, ao menos oficialmente, sendo implantando um regime laico, as religiões no Brasil passaram a se ajustar a um novo momento em que precisavam então consolidar a sua membresia (FERREIRA, 2019). Neste momento as igrejas protestantes passam a alcançar uma população nova, especialmente as afastadas dos grandes centros urbanos e se apresentam como uma forte rede de apoio social, devido às suas atividades sociais nos seios dessas periferias. As organizações religiosas passam então de um retiro espiritual, para se apresentarem ao mundo como uma organização social ativa. Com essa experiência previamente desenvolvida as igrejas passam a ter desenvolvidos mecanismos de acesso à população e de organização coletivas muito bem estabelecidas. Diante essa lógica, quando na política as igrejas são também capazes de se mover coletivamente de maneira organizada e otimizada por essa experiência conjunta desenvolvida em grupo, o que também não fica restringido aos seus integrantes já que essas organizações têm também capacidade de alcançar a sociedade com determinada facilidade e propriedade maior do que a de grupos propriamente políticos.

Uma vantagem percebida pelos candidatos representantes, ou mesmo aliados aos grupos religiosos, em especial os evangélicos, é que esses candidatos não precisam necessariamente, para sucesso no pleito, de um capital político anterior, ou histórico de participação política junto a um determinado grupo que lhe atribua identificação ou dos mesmos investimentos em campanha como os demais candidatos. Isso porque a maneira como as campanhas têm acontecido neste círculo e como estes candidatos acessam o público, é totalmente diversa e independente das convencionais. A escolha ou indicação de candidatos pelas lideranças lhe concedem, não automaticamente, mas com muita autoridade, esses recursos buscados por todos os candidatos, já que se possui um público cativo de longa data. Além disso, são capazes mais do que sugestionar o eleitorado, são capazes de criar identificação e uma ligação dentro de uma rede de interação muito intensa, bem como ser responsável de levar ao eleitor, um candidato que teoricamente o representa e surge do meio dos seus pares. Essa característica das campanhas evangélicas tem um caráter facilitador de mão dupla, à medida que facilita a campanha para o candidato, reduz o custo do voto para o eleitor, diminuindo assim o caminho até sua escolha (CARREIRO, 2018).

O que percebem os autores em suas pesquisas sobre o tema, e como funcionam essas máquinas eleitorais que são as igrejas evangélicas no Brasil, é que o apelo ao voto não se mostra assim tão relevante. A mensagem política direcionada a um apoio específico não tem a eficácia que se imagina. O que se constata é a motivação fundamentada nos valores e mesmo na própria instituição. Isso significa que a indicação política é o acabamento mais superficial de uma construção de bases profundas e muito complexas. Os autores direcionam o sucesso político dos evangélicos à própria estrutura e dinâmica que se estabelece dentro de suas congregações. O principal aspecto levantado por eles é a capilaridade que se alcança a partir do acesso a este público. Além disso é uma rede orgânica extremamente retroalimentável. Se contarem com o poder organizacional e de mobilização deste mesmo grupo, este candidato teria recursos inimagináveis para alguém fora deste ambiente (PRANDI; SANTOS; BONATO, 2019).

Ao mesmo passo que é capaz de substituir em certa medida instituições políticas como os partidos, a igreja, especialmente os evangélicos pentecostais, também são capazes de suprir uma lacuna como referência de amparo social, seja na sua função social ou espiritual. Nas regiões em que o Estado se faz menos presentes com garantias sociais, os evangélicos, como afirma Novaes (2002), são as mais presentes e conseqüentemente as mais influentes. “Os evangélicos são os que mais chegam às margens da sociedade. Chegam a lugares dos quais nenhuma outra instituição civil ou religiosa ousa se aproximar” (NOVAES, 2002, p.81).

Embora o Estado brasileiro seja laico e existam esforços para que se mantenha a neutralidade de suas ações em relação às religiões, os católicos e os evangélicos saem à frente das demais religiões no que se diz a representação parlamentar, por exemplo. Por entender muitas vezes que o Estado possa ou esteja prestes a limitar os seus direitos, os evangélicos de modo geral tendem a utilizar o espaço político para unir forças que sejam capazes de evitar que seus interesses sejam atravessados. Inevitavelmente a política assume a forma mais ampla sobre a qual pode-se afetar as pessoas, não prescindindo que as pessoas se organizem em torno de seus interesses, como acontece com os grupos religiosos.

Neste sentido, essa mobilização como grupo pode ser direta ou indiretamente guiada pelos líderes religiosos. Isso porque dentro dos ambientes em que estão inseridos, essas lideranças possuem a confiança e são percebidas como autoridades morais e espirituais, provavelmente recebendo credibilidade nas suas falas e opiniões sobre uma gama de assuntos, inclusive políticos. Além da provável recepção amigável de seus endossos, as igrejas demonstram ser ambientes de interação altamente efetivos. Sendo assim, os líderes religiosos podem influenciar sutil ou diretamente as opiniões políticas de suas congregações, incentivando participação política em níveis mais amplos até mesmo endossando ou indicando candidaturas específicas.

Além de poder influenciar sutil e diretamente as escolhas políticas de seus liderados,

as lideranças religiosas muitas vezes podem controlar as narrativas a depender de como as suas ministrações são direcionadas aos fiéis. Podem ser feitos recortes de opiniões e falas que atravessam as questões fundamentais como tradicionalismo sexual e familiar ou mesmo a liberdade religiosa. Esses recortes e reforços podem aumentar uma visão negativa de determinados partidos, candidatos e espectros políticos ou reforçar posições políticas polarizadas (SMITH, 2019).

É importante também destacar que no Brasil em razão de algumas identificações serem fracas, como a político-partidária, por exemplo, e muitos movimentos sociais serem estigmatizados, abre-se espaço para atividade política em coletivos religiosos sem que se perceba essa atividade como puramente política, o que em muitos casos não moveria os fiéis. Ou seja, o convívio neste grupo em certa medida substitui para os congregados, as ações políticas como as partidárias, isso porque além de não se identificarem partidariamente, o partido deixa de ter importância central no processo, importando muito mais a identificação do candidato como cristão.

Ao encontro do que constata Smith (2019), Carreiro (2018) também destaca a falta de identificação e apoio dos brasileiros aos partidos, essa distância, como já evidenciado, causa abertura para que as religiões ocupem esse vácuo político. Carreiro (2018) aponta que os evangélicos se encontram 10% mais distantes da política partidária do que a média dos brasileiros, que já é considerada bem distante (CARREIRO, 2018). Não é precipitado, portanto, apontar que as organizações religiosas têm de certa maneira substituído a dinâmica partidária, bem como outras organizações também o fazem, com menor sucesso. Isso porque pouquíssimas instituições possuem as ferramentas dessas instituições evangélicas para movimentar politicamente um núcleo de pessoas, sendo esta movimentação responsável por influenciar diversas áreas da vida dos fiéis, inclusive a política.

É importante entender quais são as motivações que levam os grupos religiosos de modo geral a interagirem politicamente e se organizarem coletivamente em uma direção. A explicação mais fundamental neste sentido é a compreensão de que o prisma político das lideranças e das igrejas, está intimamente relacionado às perspectivas teológicas e ideológicas que pautam e fundamentam a respectiva religião.

No caso dos evangélicos, o seu conservadorismo e fundamentalismo religioso, espelha as suas atitudes políticas buscando na política as mesmas diretrizes que se aplicam à realidade religiosa. São estes princípios também que de modo mais amplo, direcionam e regem as perspectivas políticas do grupo (SMITH, 2019).

Portanto, se estes grupos se sentem ameaçados em seus princípios, em especial os evangélicos que como afirma Smith (2019), tendem a entender o Estado como contrário a eles. Quando sentem esta indiferença vinda do Estado, ou mesmo quando não sentem neutralidade, as queixas políticas em relação a esta percepção, como já dito anteriormente, são

capazes de movimentar os indivíduos politicamente. E conforme afirma Olson (1965), grande parte dos grupos políticos que possuem interesses, os perseguindo de maneira racional e estratégica, não participando de ações coletivas caso já tenha seus interesses atendidos. Essa também é uma explicação viável do porquê aqueles que percebem o Estado mais distante, se movimentam politicamente (OLSON, 1965).

Outra consequência da neutralidade percebida em relação ao Estado é a correlação entre neutralidade do Estado e a legitimidade dada ao sistema político. Aqueles que de alguma forma se sentem preteridos, têm mais probabilidade de entender o sistema político como menos legítimo (SMITH, 2019). Essa correlação entre as percepções pode empurrar o voto em direção à um candidato com um discurso com este mesmo alinhamento que deslegitima o sistema e se coloca como contrário ao sistema político de forma geral como Bolsonaro em 2018.

Como explicitado por Smith (2019), os evangélicos se sentem de alguma forma discriminados pelo Estado em relação a outras religiões, essa é a principal motivação pela qual as lideranças entendem ser importante a participação na esfera política. Seria a defesa na luta por elementos de ordem moral que creem estar em perigo. O que deve ser destacado é que esse aumento da participação evangélica na política coincide em um espaço temporal com o avanço e consolidação de pautas progressistas na sociedade. Por este motivo, os líderes evangélicos, como apontam as pesquisas de Smith (2019), costumam falar muito mais sobre questões conservadoras e mais fundamentalistas do que as demais religiões cristãs (SMITH, 2019; PRANDI; SANTOS; BONATO, 2019).

Antes de explorar outras formas de interação e influência entre os líderes e os grupos religiosos, bem como entre os próprios fiéis, é necessário entender que essa influência ocorre, mas que ela possui muitas nuances. Reforçando o que já foi dito anteriormente, aqueles indivíduos que adotam uma postura mais conservadora em aspectos pessoais, terão essas posturas intensificadas e reforçadas pela igreja. Um exemplo, disso como trataremos mais a frente, é o fato de que os indivíduos que frequentam mais aos eventos religiosos são mais propensos a adotar os posicionamentos alinhados ao grupo em que está inserido.

## **2. O COMPORTAMENTO ELEITORAL DOS EVANGÉLICOS**

Os interesses têm passado por variações ao longo do tempo desde que os grupos protestantes adentraram a política e deixaram a sua marca como grandes forças capazes de mobilizar contingentes políticos significativos. É comum que haja diversos motivos capazes de mobilizar as igrejas em direção à política, desde o mais básico como defender as suas

pautas fundamentais já explicitadas anteriormente, até os mais específicos, no caso da atuação política nas legislaturas estaduais. Isso porque tendo um aliado político nos quadros estaduais e municipais as igrejas são beneficiadas pela administração pública com a influência desses atores. Esses benefícios podem ser exemplificados com licenças, alvarás, espaços públicos e permissão para eventos, por exemplo. Mesmo com essa mudança de percepção do envolvimento da igreja e da política, essa visão parece perpassar somente na mente das lideranças ou de uma parcela pequena dos religiosos (CARREIRO, 2018).

Entretanto, embora estar inserido em um grupo religioso no Brasil seja relevante politicamente e provavelmente afete a opinião política do cidadão, essa influência não é automática, não forma uma “massa de manobra” e não necessariamente representa uma troca de interesses. A maioria dos indivíduos agem impelidos por crenças pessoais e movidos por lógicas de defesa e de grupo, em razão dos motivos já elencados anteriormente.

É verdade que as instituições religiosas são bem-sucedidas em sua capacidade de movimentar os fiéis nesta ou naquela direção como ocorre no caso de eleições proporcionais, mas as explicações para esse fenômeno estão intimamente ligadas ao grau de eficiência delas em construir laços sociais fortes de identidades com os fiéis e canalizá-los para a vida político-partidária. (CARREIRO, 2018, p. 93).

Contrariando as visões externas mais superficiais, como afirma Carreiro (2018), os integrantes das igrejas evangélicas não possuem consenso em relação às candidaturas ou mesmo a participação evangélica na política. A maioria deles acredita que não se deveria falar de política dentro da igreja, por exemplo, que deveria ser respeitado o espaço e a atividade central daquele núcleo. Ao mesmo tempo, a maioria deles acredita ser de alta relevância a participação dos evangélicos nas eleições.

No Trabalho de Smith (2019) também fica claro a divisão e falta de consenso sobre a política adentrar a igreja. Segundo os seus dados, o apontamento é de que a maioria entende ser o ideal a apresentação dos candidatos que serão apoiados pela igreja, mas não um apelo ou uma indicação de quem votar. Tanto o clero evangélico quanto o católico fomentam diversas formas de atividade política no corpo das igrejas, até mesmo a participação em movimentos políticos. Esse incentivo também parte dos fiéis que entendem ser importante a representação cristã na política, entretanto essa participação possui limites na maioria das visões, e o limite é o envolvimento nas campanhas. Ou seja, esse limite pode ser traduzido como “do púlpito para baixo”. É exatamente assim que pensa a maioria dos fiéis (SMITH, 2019; PRANDI; SANTOS; BONATO, 2019).

Como grupo, os evangélicos são capazes de criar padrões morais de comportamento desejáveis e indicados bíblicamente. Esses padrões caracterizariam um verdadeiro cristão e um homem ou uma mulher à “imagem e semelhança de Deus”. Tais padrões dizem respeito ao casamento, a relações intrafamiliares, de trabalho e sobretudo, condutas sociais honestas e ilibadas. Ao fugir desses padrões, um integrante do grupo estaria manchando não somente a

sua imagem, mas a do grupo e em última instância agredindo os princípios estabelecidos por Deus. Quando esse comportamento foge ao padrão, mesmo não caracterizando uma conduta imoral socialmente falando, retira-se do indivíduo a sua característica cristã de pertencimento ao grupo o colocando como um "falso cristão" já que os "cristãos de verdade" aderem a outros comportamentos. Essa lógica de padronização a partir da sacralização de um comportamento desejável pelo grupo tem sido cada vez mais utilizada como forma de coerção social na escolha do voto dentro das igrejas.

Essa noção tem passado cada vez do espiritual e suas questões específicas, para atingir também condutas sociais e políticas. Apoios a movimentos progressistas, considerados contrários à igreja e suas crenças têm sido condenados por essa lógica excludente que retira do indivíduo a sua legitimidade enquanto participante de determinado grupo religioso.

Não necessariamente, essa interação de consolidação de padrões éticos, morais e comportamentais estabelecida por um determinado grupo passa pelos interesses das lideranças ou de quem quer que seja. Este movimento pode ser natural, apenas resultado de uma interação social em massa, como explica a teoria sociológica do voto que defende a escolha eleitoral como resultado da formação de opinião dentro de um grupo social. Neste sentido, uma pessoa pensa, politicamente, como ela é, socialmente (LAZARFELD, BERELSON E GAUDET, 1948).

No caso dos grupos evangélicos, esse reforço dos padrões vem aliado a um forte princípio de diferenciação daqueles que não são crentes, na linguagem do próprio grupo. Essa diferença é destacada como uma característica negativa daqueles ainda não possuem em si o espírito de Deus que leva o indivíduo a um estágio superior e destacado em relação àqueles que “vivem de qualquer maneira”, passagem essa alcançada pela conversão e frequência em cultos, ou seja, mesmo quando um integrante deste grupo decide agir de uma maneira distinta, ele passa a ser classificado automaticamente como um “não crente” (CARREIRO, 2018).

O grupo evangélico, como qualquer outro, se mostra como mais do que uma simples fonte de informação ou interação. Existindo como uma coletividade orgânica, funciona como mecanismo de padronização e conformação comportamental e atitudinal. Sobretudo é importante destacar que o ambiente religioso, especialmente o evangélico que possui uma alta frequência de mensagens voltadas à moral e ética, existe como uma organização que objetiva a orientação dos indivíduos em direção a comportamentos desejáveis “à luz do evangelho e da bíblia”. Isso significa, acima de tudo, que a igreja torna os indivíduos presentes em suas atividades, mais suscetíveis a uma padronização em direção a esse “ideal cristão”, que tem inclusive refletido o alinhamento a nichos e visões políticas (FUKS, RODRIGUES, 2015). Em uma das maiores referências de trabalho neste sentido, (Lazarsfeld et. al., 1948), os autores demonstram em “peoples choice” que eleitores acabam se alinhando ao posicionamento de grupo e votando de acordo com as pessoas que integram seu círculo social.



O que torna essas organizações ainda mais curiosas e interessantes neste sentido, é que possivelmente não existem outras religiões ou mesmo organizações seculares que reúnam com tanta frequência os mesmos indivíduos em suas atividades. Essa característica é fundamental para entender a importância dos grupos protestantes no Brasil. Esses hábitos frequentes nas atividades religiosas aumentam a exposição desses indivíduos em relação aos demais grupos da sociedade. Isso assegura ao grupo muita intensidade nas suas interações que favorecem a influência social e política.

Um outro ponto que deve ser alinhado a este para a compreensão da capacidade de influência destes atores no processo político de escolha dos fiéis é a forma como a comunicação se estabelece nesses núcleos. Por possuírem uma comunicação legítima bastante centralizada e vertical, as igrejas evangélicas entregam às suas lideranças uma potencial legitimidade muito alta. Sendo entendidos como verdadeiros "porta-vozes" de Cristo, essas lideranças podem alcançar de diversas formas os seus ouvintes. Além desta potente comunicação monopolizada, os integrantes desse grupo estão vivenciando sobre a liderança destas mesmas pessoas, experiências espirituais, emocionais e de cunho pessoal intensas que lhe conferem um nível distinto de credibilidade sobre elas. Portanto dois mecanismos se tornam centrais numa tentativa de entender a capacidade de influência destas lideranças, que são as participações nos cultos e eventos religiosos e a carga emocional que estes trazem, bem como a frequência na dinâmica que envolve as atividades da Igreja

Além desta lógica de padrões identificados nos integrantes de um grupo, os indivíduos tendem a desenvolver mecanismos de defesa contra opiniões contrárias, seja individual ou coletivamente. Esse mecanismo pode ser percebido na escolha eleitoral quando um grupo adota um determinado candidato em detrimento de outros que possam ameaçar os seus critérios. De uma maneira secundária, um indivíduo pode decidir de maneira distinta da adoção do grupo, que pode ser entendida como um padrão, e ser retaliado socialmente dentro deste grupo por divergir em sua escolha política, sendo "virtualmente" não identificado como integrante do grupo por não atender às características ou padrões comportamentais. Essa lógica é muito bem representada pela fala muitas vezes repetida em grupos evangélicos que afirma: "Cristão de verdade não vota em candidato de esquerda".

Essa máxima demonstra ao mesmo tempo as duas nuances principais deste comportamento de grupo, o primeiro é a adoção de princípios políticos que estão alinhados às suas principais e mais conservadoras pautas como o aborto, a ideologia de gênero e a homossexualidade. Resistir aos avanços progressistas e consolidação dos direitos de grupos minoritários tem sido uma das funções fortemente desempenhadas pelos religiosos que participam da política. No Brasil esse movimento anda ao lado dos partidos conservadores e de direita que veem nas igrejas fortes parceiras.

Em segundo lugar, depois de definidas as referências e adotados os padrões políticos

daquele grupo, apoiada, legitimada e reproduzida pela maioria, é desenvolvida uma lógica de pertencimento em que somente fazem parte e serão aceitos como legítimos integrantes dos grupos, aqueles que permanecerem fiéis aos seus padrões. O objetivo deste trabalho é justamente apresentar em que medida são afetadas as escolhas dos indivíduos inseridos nesta lógica de grupo.

Desta maneira, a abordagem sociológica do voto é fundamental para perceber como um coletivo é capaz de condicionar as preferências do indivíduo pertencente ou que deseja pertencer a um determinado grupo. Esse seria um dos processos mais elementares na compreensão de que pessoas que convivem em um mesmo ambiente estão propensas a compartilhar preferências, necessidades e interesses (FERREIRA, 2019; FUKS, RODRIGUES, 2015).

### 3. METODOLOGIA

Esta pesquisa pretende perceber como as características e dinâmicas de grupo influenciam o voto evangélico. A intenção não é esgotar as nuances tão complexas que cercam este assunto, mas contribuir na compreensão das questões que movem o voto deste grupo. Procura-se saber quais as motivações e qual a influência da lógica de grupo no voto evangélico. Pensando na complexidade desta dinâmica, é adequado que se considerem subjetividades e nuances profundas para que se possa observar com maior qualidade a relação do indivíduo dentro de um grupo com interações tão intensas e o voto.

Embora existam questões a serem respondidas pelos entrevistados, essas devem ser entendidas muito mais como um roteiro do que um questionário. Isso porque a intenção principal é captar as dinâmicas do comportamento político dos entrevistados, bem como entender o contexto e ambiente político que influenciam as suas decisões. Acima de tudo é importante perceber como se orchestra o pensamento político do respondente, a fim de integrar uma crítica que não ignore as particularidades e complexidades que envolvem o tema. Para além da perspectiva das respostas, sobre a qual o entrevistado deve se sentir confortável e o pesquisador livre para fluir em questões que surgem durante a entrevista, é necessário em uma pesquisa qualitativa que não se limite a um entendimento que elimine as circunstâncias que caminham ao lado das respostas, é necessário capturar toda a lógica que envolve as ideias sobre as quais se está trabalhando (MCCRACKEN, 1988).

A fim de alcançar respostas ao problema de pesquisa e atingir os objetivos de pesquisa propostos, define-se uma pesquisa com abordagem qualitativa, utilizando como procedimento técnico para coleta dos dados, entrevistas em profundidade. Optou-se pela utilização de entrevistas junto ao público alvo, no caso evangélicos, com base em roteiro semiestruturado, que oferece maior profundidade na subjetividade do entrevistado. Os participantes selecionados são fiéis convencionais, líderes dentro das congregações evangélicas e pastores.

Com a finalidade de descobrir as motivações e lógicas por trás do voto evangélico, especialmente interagindo como grupo político, foram utilizados os dados qualitativos reunidos por meio das entrevistas aprofundadas realizadas com pessoas que se identificam

como evangélicas. Além disso, participaram também líderes e pastores a fim de entender como pensam os evangélicos a depender do recorte hierárquico dentro dessas organizações. Realizadas de maneira presencial, as entrevistas foram gravadas somente em áudio e transcritas literalmente, inseridas em anexo ao fim deste trabalho e disponíveis em arquivos pessoais. Os nomes reais dos entrevistados não serão revelados, sendo documentados nomes fictícios, as gravações em áudio das entrevistas serão transcritas literal e fidedignamente de acordo com as respostas e necessidade de apresentação das mesmas. Foram realizadas 14 entrevistas, totalizando 492 minutos e 58 segundos de entrevista, compreendidas entre o período de agosto a outubro de 2021.

Todos os entrevistados responderam ao roteiro composto por perguntas desenvolvidas de acordo com os objetivos dessa pesquisa e, quando necessário, houveram intervenções pontuais do entrevistador para explicitar o questionamento, a fim de obter a resposta mais clara ou conclusiva e não comprometer o resultado das pesquisas. Houveram situações em que novos questionamentos surgiram em razão da troca de informações e fluxo da entrevista.

A análise dessas entrevistas, bem como o desenvolvimento de seus resultados é pensado a partir de uma análise de conteúdo dividida em três categorias básicas que conduziram a elaboração do roteiro de entrevista e o desenvolvimento dela. A ideia é estabelecer um fundamento em cada uma dessas categorias a fim de tentar compreender como pensam os evangélicos entrevistados em cada uma delas. A primeira categoria está relacionada ao pensamento e comportamento político das entrevistas. Essa categoria busca captar, de maneira contextual, como e o que o entrevistado entende por política e quais os seus direcionamentos básicos sobre isso. Além disso, busca a opinião do entrevistado sobre a relação da igreja com a política e com a prática eleitoral em termos institucionais. A segunda categoria é classificada ideologicamente, a fim de entender quais as ideologias são seguidas pelo entrevistado e quanto seu pensamento está carregado por este entendimento. Por último, à terceira divisão categórica se atribui a intenção de compreensão do comportamento eleitoral dos participantes de pesquisa.

É importante destacar, que as análises e conclusões aqui expostas, bem como o resultado das interações de pesquisa não podem ser extrapoladas para além do conjunto dos entrevistados, uma vez que a amostra qualitativa da pesquisa tinha como objetivo não a mensuração das distribuições das percepções, mas sim, um aprofundamento que permitisse estabelecer uma condição de entendimento do pensamento de cada um dos indivíduos que participaram como um universo complexo de motivações, sentimentos, racionalidades e expectativas. Dessa forma, a principal contribuição promovida pela aplicação da presente metodologia diz respeito ao aprofundamento de um mundo subjetivo e pouco explorado até então, no que diz respeito à construção do voto evangélico, bem como na compreensão das motivações e percepções políticas de cidadãos evangélicos. Também, é importante dizer que

os dados analisados não possuem a pretensão de esgotar todas as possibilidades de comportamento, e nem tão pouco, identificar o posicionamento das igrejas.

As perguntas iniciais tiveram a função de filtro e visavam traçar um panorama geral do entrevistado sobre política, antes de partir ao centro da questão e questões mais específicas como a relação da igreja com a política. Ou seja, visavam garantir que o público alvo da pesquisa adequado dentro do perfil desejado, bem como compreender genérica e inicialmente o pensamento do participante.

A primeira pergunta pretende captar inicialmente a compreensão geral do participante a respeito da política, bem como tentar perceber, preliminarmente se há alguma indicação ou inclinação política neste pensamento genérico. Seguido desse questionamento mais geral e abstrato, questiona-se o participante da entrevista sobre o seu posicionamento político a fim de assimilar a identificação política do entrevistado bem como tentar captar o seu ponto de partida e local de fala a respeito dos assuntos pretendidos. É importante entender como o entrevistado se posiciona politicamente para o fluxo da entrevista e para o entendimento de suas respostas. Aqui é capaz de se entender também os possíveis pontos sensíveis e relevantes politicamente para estes. A partir disso, é possível passar a tentar entender do entrevistado as bases do seu posicionamento político e como elas foram estabelecidas. Para além disso, perceber porque considera importante levar estas bases para a política, é este o intuito da terceira questão do roteiro.

A quarta pergunta refere-se à interpretação do entrevistado sobre a ação dos evangélicos enquanto grupo político. Essa indagação busca compreender se o participante entende que deve haver algum grau de uniformidade no comportamento, pensamento ou escolhas políticas dentro do grupo. A intenção é absorver com que intensidade os participantes analisam a capacidade dos evangélicos atuarem de maneira homogênea na política. Ademais, a fim de continuar entendendo como o indivíduo analisa essa relação do coletivo evangélico com a política, foi perguntado a eles sobre como analisavam a relação da política com a igreja. Perseguindo ainda a noção e compreensão dos evangélicos a respeito da relação entre igreja e política, foi perguntado se eram a favor de candidaturas evangélicas e se achavam que a igreja deveria apoiá-las institucionalmente.

A importância da presença evangélica na política é questão de destaque no roteiro, isso porque as respostas desse questionamento podem ser capazes de revelar o sentido ou a lógica percebida por aquela pessoa sobre a razão de se fazer política ou do porquê os evangélicos estarem inseridos neste contexto. Podem ser percebidas indicações das razões essenciais e mais profundas das motivações políticas do indivíduo, embora isso dificilmente seja contemplado, sendo muitas vezes representado por uma resposta objetiva e corriqueira como a defesa de direitos.

Após entender as motivações pelas quais os entrevistados acreditam ser necessária a

participação evangélica na política, tenta-se compreender se há a noção de que essa participação incide limites que dizem respeito aos demais grupos dos quais a sociedade é composta. O intuito nesta fase da entrevista era entender como os entrevistados observavam a atual dinâmica do envolvimento dos evangélicos de maneira tão incisiva, e mesmo desrespeitosa no que diz respeito aos grupos progressistas especialmente, na política.

Na tentativa de compreender o quanto os evangélicos costumam associar este conflito de pautas com a esquerda, foi perguntado o que eles compreendiam por esquerda e direita. A intenção era captar se havia um forte nível de associação da esquerda como um “inimigo” em razão das pautas conflituosas que ficaram associadas à esquerda, especialmente pelos cristãos, como evangélicos e católicos. Para entender o que motiva uma relação de tantos conflitos entre a “igreja” e a “esquerda” foi pedido aos participantes que analisassem então a participação desses espectros ou grupos políticos a fim de que expressassem uma opinião mais conclusiva sobre o tema.

Em uma das perguntas mais importantes do roteiro proposto neste projeto, foi perguntado aos entrevistados o que eles consideravam mais importante observar em um candidato para que ele recebesse o apoio deles. A finalidade é obter dos entrevistados as prioridades elencadas por eles em suas escolhas eleitorais ao mesmo tempo que se tenta medir em que nível o aspecto religioso está inserido no voto dos participantes e o quanto isso é determinante em seus votos. Essa relação da política com a religião pode ficar muito bem demonstrada quando nas entrevistas perguntamos se os participantes se sentem politicamente ameaçados pelo avanço de pautas progressistas nos últimos anos.

Também entre as questões mais centrais do roteiro, em razão da sua finalidade de compreensão do nível de efetividade das indicações políticas no ambiente evangélico, os entrevistados são perguntados se votariam em algum candidato em razão da indicação das lideranças ou de suas relações interpessoais na igreja. A intenção era analisar em que medida essa indicação ou sugestão dentro das igrejas, é efetiva e como ela afetava os participantes, bem como tentar captar as suas opiniões sobre o assunto.

## **4. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Divididas em três categorias, conforme explicitado na metodologia, a análise dos resultados das entrevistas busca estratificar, por meio de objetivos específicos, aquilo que se pretende absorver a partir das respostas dos entrevistados. Os objetivos estão centrados da seguinte forma: entender o que pensam sobre política e como atuam individual e coletivamente os evangélicos entrevistados; absorver a percepção dos evangélicos a respeito da relação da igreja com a política; pesquisar se são favoráveis às campanhas políticas evangélicas; compreender a relação entre a religião e a política no comportamento dos entrevistados; pesquisar os temas e bandeiras prioritárias destes eleitores evangélicos; analisar de que forma o sentimento de ameaça faz o eleitor evangélico atuar politicamente movido por uma defesa; compreender a motivação dos eleitores pesquisados ao votarem; Perceber a efetividade da lógica de grupo no voto evangélico. Esses objetivos ficam divididos em três categorias sendo elas uma análise do comportamento político, do pensamento ideológico e do comportamento eleitoral.

### **4. 1 COMPORTAMENTO POLÍTICO**

Perguntados sobre o seu pensamento político de maneira geral, o que se observa sobremaneira é a interpretação da política como forma de organização social. Entretanto alguns entrevistados demonstraram logo de início uma interpretação negativa da política, em razão da corrupção, especialmente. O que explicita um dos temas que serão mais abordados pelos entrevistados em geral, o combate a corrupção, transparência e a utilização dos meios políticos para o alcance de objetivos pessoais. Esse combate à corrupção como ponto central do pensamento cristão na política pode ser correlacionado ao aspecto moral da religião, que exige uma conduta reta e moral ante a sociedade. Além do aspecto moral, pode ser elencado também o aspecto de diferenciação em detrimento dos homens comuns que são “conduzidos por seus ímpetos corrompidos.

Essa relação da moralidade desejada e sua projeção para o campo político, permeia todo o pensamento dos cristãos neste espaço público, desde um sentimento básico até as complexas dinâmicas de interação entre a igreja e política. Esse pensamento reflete social e

coletivamente, moldando todo o aspecto de um cidadão e sua participação. É natural, como demonstrado até mesmo pelos entrevistados, que o conservadorismo e fundamentalismo religioso dos entrevistados seja espelhado e refletido “de dentro para fora”, afetando assim os seus padrões políticos e sociais, conforme explicitado por SMITH (2019) no primeiro capítulo deste trabalho.

Como na maioria das questões, a respeito da opinião dos entrevistados se os evangélicos devem ter uma opinião política definida, aqui não há consenso por parte dos entrevistados, o que se pode afirmar é que a maioria concorda que deve haver um conjunto mínimo de características ou pensamentos que devem orientar não somente a atuação política, mas pelo caráter expansivo do que se considera ser o comportamento cristão, esses valores devem ser levados a todos os campos, incluindo o político. A maioria acredita que essas diretrizes deveriam basear o comportamento político nos aspectos mais básicos, pelo menos. A outra parte acredita que não se deve levar um posicionamento do indivíduo para o coletivo, ou seja, embora aconteça e pareça natural, não acreditam que devam compartilhar valores políticos.

Sobre as candidaturas evangélicas é interessante fazer um paralelo com o que escreveu também SMITH (2019), isso porque quando sentem que o Estado de alguma forma adota políticas seculares que se distanciam dos interesses evangélicos, esse grupo tende a se movimentar mais intensamente na política. Isso afeta diretamente a opinião dos entrevistados sobre as candidaturas evangélicas como indispensáveis.

Ser favorável às candidaturas evangélicas é o maior consenso entre os entrevistados, apenas dois entrevistados têm ressalvas sobre elas e ainda assim, não são totalmente contra ou as acham necessárias. Sobre o envolvimento institucional das igrejas nessas candidaturas não se confirma o mesmo apoio. A maioria dos entrevistados não crê que a igreja deve apoiar estas candidaturas da maneira como ocorre, com algum tipo de indicação ou imposição a respeito dos candidatos, acreditam que a participação dessas organizações deveria se limitar a instrução e incentivo dos fiéis à participação política. Também se constata a percepção dos membros dessas igrejas de que quando há um candidato sendo escolhido ou indicado pelas lideranças da igreja, há sempre algo previamente combinado que irá favorecê-los:

Sim, é uma ferramenta, o eleitorado desses possíveis representantes está lá, então é uma estratégia que não tem lógica dispensar. Mas acho que as instituições devem orientar os seus eleitores, não deve haver uma defesa arbitrária de candidaturas próprias, ou melhor, nenhuma. Deve-se preparar o cristão para a política apenas. Deveria ser a orientação de pensar no próximo, mesmo na política e desejar que pessoas que conversem com esses ideais cristãos, do que Jesus ensinou mesmo, e depois, levar isso para a política. As igrejas maiores que sabem que podem eleger alguém caso gerem esse sentimento de obrigatoriedade nos seus membros, elas atendem a essa necessidade institucional, já vai tudo casado, as candidaturas já nascem para defesa da instituição e não da fé cristã.”. (ENTREVISTADO 9, 2021).

A respeito da relação das igrejas com a política, especialmente eleitoral, embora todos



eles considerem em algum nível essa relação como negativa, prejudicial ou viciada, poucos a consideram dispensável. Isso revela um pouco do ponto central deste trabalho, os evangélicos entendem a política como um meio de defesa e por isso, indispensável, ainda que observem o não alcance do resultado que esperam dessa relação. Muitos dos entrevistados acreditam que a forma como as igrejas, de modo geral, tem lidado com a política tem prejudicado o evangelho em si, fazendo com que perca a sua credibilidade, a grande maioria também observa que tem sido utilizado o espaço religioso e político para o alcance de objetivos pessoais ou institucionais:

Acho que tem ultrapassado muito os limites básicos porque ao meu ver a igreja não está preocupada em defender os direitos básicos do cristão, mas vejo preocupação financeira e em tirar proveito político para algumas pessoas e para as instituições. (ENTREVISTADO 11, 2021).

Isso vai completamente ao encontro daquilo que pontuaram SMITH (2019); PRANDI; SANTOS E BONATO (2019), isso porque estes autores constatarem em suas obras que embora incentivem, em grandes números inclusive, a representação política cristã, esse envolvimento tem limites. Na visão dos cristãos reunidos nos trabalhos dos autores, o limite desta relação, é o próprio púlpito, ou seja, a dinâmica política da igreja deveria se reservar ao espaço “comum” não chegando ao espaço “sagrado”. Isso significa dizer que esta visão compreende a política como algo a ser praticado entre os fiéis sem que se envolvam institucionalmente as lideranças.

## 4.2 IDEOLOGIA

Os limites da atuação evangélica na política é ponto fundamental e determinante de se compreender ao entrevistar os eleitores deste grupo. Além disso, é importante tentar compreender o quão importante consideram a participação evangélica na política para captar as intenções políticas dos participantes. Neste ponto as respostas concentram-se na defesa dos interesses do grupo em relação às suas pautas políticas, como forma de serem ouvidos, bem como na representação em si, no valor da representação do grupo. O que se percebe, na maioria dos casos, é que de maneira ideal, os entrevistados acreditam que deveria ser respeitado o espaço de outros grupos. Ou seja, que a participação e atuação evangélica na política deveria limitar-se à defesa das liberdades de culto, de expressão, não obrigatoriedade ou privações legais que de alguma forma alterem o padrão de atividades religiosas dentro dos templos.

A intenção é saber se consideram um comportamento normal ou uma distopia gerada por essa relação intensa. Isso porque caso considerem normal, demonstraria uma atitude política naturalmente dominadora dos espaços públicos o que iria contra a ideia trazida pela maioria dos entrevistados. Este é sem dúvidas um dos pontos mais centrais das entrevistas, pois revela o sentimento dos entrevistados a respeito do atual comportamento de seu grupo. A

esmagadora maioria dos participantes reconhece que essa relação entre a igreja e a política tem ultrapassado os limites, ou seja, tem afetado a participação e direitos de outros grupos políticos, apenas uma participante não sabe se há um limite nessa participação política. Entretanto, a maioria dos entrevistados entende que essa “invasão” de espaços ocorre como uma reação ao contexto político, entendem que esse comportamento é uma forma de defesa em uma “guerra cultural” como é explicitado por SMITH (2019) no início deste trabalho.

Quando perguntados sobre a atuação política da “esquerda” e a respeito da visão sobre este espectro político, a intenção era analisar se consideravam a “esquerda” como um “inimigo” político. Embora essa associação se confirme, ela não configura uma relação automática de hostilidade política, o que se observa é que compreendem a esquerda também associada à questão social o que é um fator determinante para muitos dos entrevistados. O que se observa nesta altura da entrevista é uma insatisfação geral com o que os entrevistados nomearam como “guerra” e “polarização”, enquanto alguns poucos consideram os princípios políticos da esquerda como conflitantes com os cristãos.

Metade dos entrevistados, sentem-se ameaçados pelo avanço de pautas progressistas e ampliação ou consolidação de direitos da mesma natureza, e mais da metade enxergam alguma tentativa de imposição ou de conflito de interesses entre os princípios cristãos e estas pautas políticas. Aqui, se confirma mais uma vez, a lógica de defesa que é acionada e muito bem utilizada internamente por estes grupos religiosos.

Mesmo não considerando de maneira inicial o aspecto religioso, tão intensamente, em suas escolhas, os entrevistados demonstram uma forte relação com esses princípios quando pensam em quem não votar. Isso porque quando perguntados se seriam capazes de votar em alguém que defendesse ou estivesse associado a pautas progressistas apenas três entrevistados afirmam que votariam nesses candidatos, demonstrando uma forte aversão dos evangélicos em relação a candidatos que estejam associados à defesa de pautas progressistas

Temas que são fundamentais para os cristãos em geral como gênero, sexualidade aborto e liberdade de culto, são capazes de movimentar grupos religiosos a fim de participarem ativamente da política. Esses temas são também os mais capazes de polarizar as disputas que envolvem os interesses destes grupos. Quando estas temáticas são dispostas e identificadas positiva ou negativamente em um candidato de maneira também polarizada, isso pode levar um grupo em direção ao que se identifica positivamente. Isso foi percebido por SMITH (2019) em seu livro e confirmado pelas respostas dos entrevistados neste trabalho.

### **4.3 O VOTO**

A esmagadora maioria dos entrevistados não traz de início o aspecto religioso como prioridade em seu voto e todos eles não consideram a religião do candidato como um fator

determinante em seus votos, Entretanto, o que se observa é que temas centrais à religião dos entrevistados estão sempre listados como prioridades a serem observadas nas escolhas eleitorais, como exemplo disso podemos citar a defesa da família tradicional, aspecto mais citado pelos respondentes. As outras questões mais sensíveis aos envolvidos foi o conhecimento sobre o candidato, a sua atuação e histórico político, suas pautas para temas básicos como saúde e educação, bem como a sua preocupação com o aspecto social, como redução da desigualdade social, criação de oportunidades de trabalho e educação, além do aumento da presença estatal onde consideram mais necessário.

A fim de tentar perceber a efetividade das indicações internas à lógica religiosa, como indicação de lideranças ou das relações interpessoais, os entrevistados foram perguntados se votariam em um candidato em razão destas indicações. Muito divididos, os entrevistados não formam um consenso no assunto debatido, alguns afirmam que votariam sem problema, outros demonstram uma verdadeira aversão à indicação das lideranças, estes entendem que elas sempre possuem algum grau de interesse por parte dos líderes, outros desconsideram as indicações e alguns afirmam que são capazes de votar caso conheçam e sejam convencidos pelo candidato e suas ideias. Em relação à indicação das relações que possuem na igreja, os entrevistados demonstram que aqui há uma grande efetividade política nessas indicações. Quando ela não vem carregada de uma imposição hierárquica e espiritualizada ou mesmo institucionalizada, mas de uma maneira informal e ao menos aparentemente distante do vínculo religioso interno a estas organizações, os entrevistados mostram que votariam nas indicações dos amigos com maior facilidade.

Nesse mesmo sentido, os candidatos evangélicos, especialmente aqueles apoiados pelas lideranças e que recebem as bênçãos da igreja, acabam por ter as suas campanhas facilitadas em diversas questões, mas essa é para CARREIRO (2018), uma via de mão dupla. Isso porque para o autor embora as características desempenhadas pela estrutura de uma campanha dentro da igreja facilitem para o candidato, de alguma maneira, elas facilitam também para o eleitor, ao reduzir em muito o custo do voto para o eleitor já que o candidato chega até ele com muito mais facilidade e sintonia do que os demais.

O que percebem os autores já citados no início deste trabalho em suas pesquisas sobre o tema, é que o apelo ao voto não se mostra assim tão relevante. O que se constata é a motivação fundamentada nos valores e mesmo na própria instituição. Isso significa que a indicação política é o acabamento mais superficial de uma construção de bases profundas e muito complexas. Os autores direcionam o sucesso político dos evangélicos à própria estrutura e dinâmica que se estabelece dentro de suas congregações. O principal aspecto levantado por eles é a capilaridade que se alcança a partir do acesso a este público, além de ser uma rede extremamente orgânica. É o que afirmam PRANDI; SANTOS e BONATO, (2019) para os autores se contarem ainda com a potencial organização social dessa estrutura,

saem com muitos avanços em detrimento de outros tipos de candidaturas. Não necessariamente, essa interação de consolidação de padrões éticos, morais e comportamentais estabelecida por um determinado grupo passa pelos interesses das lideranças ou de quem quer que seja. Este movimento pode ser natural, apenas resultado de uma interação social em massa, como explica a teoria sociológica do voto, que defende a escolha eleitoral como resultado da formação de opinião dentro de um grupo social. Neste sentido, uma pessoa pensa, politicamente, como ela é, socialmente (LAZARSELD, BERELSON E GAUDET, 1948).

## 5. CONCLUSÃO

O voto evangélico é um dos fenômenos eleitorais de maior relevância das eleições de 2018 pode ser um dos fatores determinantes novamente em 2022. O crescimento vertiginoso da participação deste grupo religioso como grupo político ao longo dos anos tem influenciado a política de uma forma eminente e ainda não somos capazes de vislumbrar os resultados concretos disso. A intenção deste trabalho é justamente elucidar e aprofundar um pouco deste vasto e complexo universo do voto evangélico.

As movimentações protestantes na política têm sido marcadas por um fervor intenso e uma “militância” nunca vista neste setor da sociedade. No contexto da religião evangélica no Brasil, foi a primeira vez em que se viu esse grupo se organizar de maneira tão uníssona, ou mesmo agressiva, em torno de um objetivo político. Embora para muitos, esse objetivo não seja claro e tampouco o resultado objetivo deste embate em que se envolvem, os evangélicos acreditam fielmente estarem defendendo à igreja, à família e seus valores. É de se concluir, por meio das entrevistas realizadas, que os indivíduos evangélicos se uniram enquanto grupo com o intuito de participar daquilo que eles entendem como uma estratégia política de defesa que visa preservar os seus direitos e liberdades, bem como evitar que ascensões progressistas se revelem ameaçadoras aos que se identificam como defensores dos valores cristãos. Entendem em sua maioria estarem de fato participando, ou pelo menos vendo, o que Smith (2019) denominou como “guerra cultural” e nada movimenta mais este grupo do que a ameaça a estes princípios sensíveis.

Para entender a lógica do voto evangélico, especialmente pensado de forma coletiva, é indispensável considerar as ameaças enxergadas por estes eleitores. Ao considerar o que se espera do resultado desta disputa antagônica entre os princípios evangélicos e o espaço político, os eleitores não somente mudam a suas prioridades políticas como caminham para um pensamento muito mais organizado de maneira coletiva, interna e defensiva. Os líderes, compreendendo essa dinâmica, são capazes de organizar e arregimentar os fiéis, de maneira que estes superem as suas próprias críticas e considerações internas negativas, movidos pelo sentimento de necessidade de uma interação política que preserve os seus direitos ameaçados, ao menos do ponto de vista do discurso utilizado.

Todos os participantes inseridos no ambiente de pesquisa, por meio desta entrevista, entendem que o comportamento político e a forma incisiva pela qual muitas vezes os evangélicos acabam atuando, não é a adequada, nem ideal, muito menos a esperada, mas muitos compreendem ser a maneira necessária ante o contexto. São capazes de observar um

conflito real de interesses ocorrendo e dentro deste cenário, uma parte massiva deste público enxerga alguma tentativa política de minar as liberdades e direitos do grupo. É essa visão que faz com que os evangélicos atuem e aceitem uma atuação deturpada daquilo que acreditam ser o comportamento ideal. A percepção da atuação política como uma reação ao comportamento dos outros grupos faz parte da crença de muitas pessoas inseridas nesta disputa por espaço político. Isso pode ser observado quando nas falas: “não podemos nos calar mais”. Os evangélicos entraram na política depois de um longo período inertes e realmente entendem isso como uma reação necessária neste momento:

Eu vejo que os evangélicos entraram na política com esse pensamento de não permitir que outros grupos avancem politicamente, então não temos agregado até esse momento nada politicamente, porque tem sido muito mais uma visão fundamentalista e religiosa, em vez de uma visão centrada em Cristo que embora muitos não queiram ver, foi o maior socialista que existiu. (ENTREVISTADO 9, 2021).

O processo de secularização vivido no Brasil viabilizou o surgimento e o exercício de diversas religiões, o que resultou em uma natural concorrência religiosa por adeptos. Esse fato, deflagrou o que podemos considerar uma pluralização cultural, que expungiu o monopólio católico, mas manteve vivo o monopólio cristão. A dominação desses valores ultrapassou ao campo público de uma maneira que se tornou confuso e difícil a alguns religiosos separar o que é um espaço político e público, do pessoal. Muitos cristãos e evangélicos de modo geral acreditam ser necessário que os seus princípios vigorem também no campo público e fazem disso uma batalha pessoal.

Isso se deve às próprias características e ensinamentos do evangelho de Cristo, aqueles que seguem essas crenças acreditam que devem levar estes princípios a todos os campos, alguns podem mesmo confundir evangelização com alguma espécie de imposição social. Esses valores inegociáveis, além de intocáveis para essa parcela de eleitores, são princípios também que regem todo um comportamento não só individual como coletivo e que é considerado desde a escolha de atividades em família, em grupo ou em amigos, na escolha da escola do filho ou do filme no cinema, a exemplo, e não é diferente na escolha dos representantes políticos. Esse é sem dúvida o ponto mais sensível aos evangélicos, não somente na escolha eleitoral, mas em diversos aspectos.

Não pode ser ignorada a importância e a relevância de um tema como a família tradicional. Além desse, devem ser destacados temas e bandeiras como condutas morais e éticas relevantes e condizentes com os princípios bíblicos, bem como questões de identidade de gênero. Os valores centrais aos evangélicos definem não somente o voto, mas como todo o comportamento político do grupo. A forma como esses valores podem parecer ameaçados politicamente define ainda a maneira como farão a defesa destes.

O grande fato é que os evangélicos têm uma tendência muito forte de levar à política aquelas crenças mais individuais. A maioria dos entrevistados, por exemplo, afirma que a base cristã e os princípios bíblicos fazem parte dos seus posicionamentos políticos. Isso

engloba desde a preocupação com os menos favorecidos e a desigualdade até a preocupação com os princípios mais sensíveis politicamente a este grupo. Essa confusão, no sentido de não ser possível muitas vezes estabelecer uma separação entre o pessoal e o político faz a relação do evangélico com a política ser completamente envolvida por sentimentos pessoais e religiosos. Ou seja, percebe-se por meio das entrevistas que é muito difícil que essas pessoas identificadas como evangélicas sejam capazes de fazer uma associação ou mesmo considerações políticas, básicas ou complexas, desprovidos de um sentimento pessoal relacionado à sua religião.

Uma disputa política pode facilmente passar a ser entendido como um ataque pessoal, já que aqueles princípios fazem parte da vida e tudo que envolve o indivíduo. Esse sentimento pessoal, é facilmente escalado a um sentimento de grupo. Isso se deve muito à dinâmica de ensinamentos sobre união e obediência dos próprios núcleos organizacionais e mesmo do sentimento de estar entre irmãos. Essa escalada em grupo pode formar um exército capaz de se mover para defender os seus interesses de uma forma silenciosa ou estrondosa. O resultado dessa dinâmica que passa do sentimento pessoal e individual, para a escala coletiva e de grupo organizado politicamente, foi visto nas últimas eleições e deve continuar sendo fator importante ainda nas próximas, não sendo possível mensurar as próximas movimentações do grupo como um todo.

Pode ser percebida por meio deste trabalho a relação dos eleitores entrevistados com um comportamento eleitoral que se aproxima das teorias sociológicas do voto. Isso acontece pois o grupo ao qual pertencem invoca grande influência em suas escolhas eleitorais. A igreja, mais do que funcionar como atalho cognitivo, tem um papel importante de diferenciar os candidatos evangélicos dos concorrentes, pois eles se apresentam como representantes da moral e dos costumes cristãos, o que faz com que haja uma identificação valorativa, correspondendo assim a um dos mais determinantes anseios destes eleitores. O que se deve observar é a capacidade destes indivíduos enquanto grupo para se mobilizar direcionados por este estímulo defensivo que tem tomado as ações do grupo.

Isso significa, por exemplo, que as indicações políticas nascidas no seio dessas relações, são automaticamente validadas, ao menos espiritual e sociologicamente falando. Isso porque elas já nascem aprovadas, de algum modo, para o indivíduo inserido neste contexto e passam a ser avaliadas e consideradas de maneira superior pelos eleitores. Embora muitos eleitores demonstrem aversão às indicações de lideranças, as indicações dos pares da igreja ainda se mostram muito efetivas, isso demonstra que a dinâmica de intervenção social ou política neste contexto, é muito forte do ponto de vista das escolhas eleitorais.

Sobre o ponto de vista da representação, os entrevistados em geral demonstram ser imprescindível a presença da representação política do grupo, mesmo elencando diversas formas negativas sobre como esta dinâmica pode ocorrer. Por considerarem indispensável

essa presença representativa, a maioria é a favor das candidaturas evangélicas, entendem também que todos os grupos estão ou deveriam estar sendo representados e por isso desejam também ter essa representação política. Contudo, a dinâmica eleitoral para esses entrevistados, deveria ocorrer de maneira diversa do que se observa atualmente. O que se compreende é que os participantes entendem que as candidaturas devem ocorrer, mas que elas são hoje parte de uma estratégia institucional que visa benefícios para um grupo determinado e não a defesa dos valores sobre os quais os evangélicos se debruçam.

Quanto a relação da Igreja com a política o entendimento geral dos entrevistados é de que não é uma relação saudável e está permeada de interesses escusos e pessoais das lideranças ou mesmo institucionais. O que se percebe, por parte dos entrevistados é a compreensão de que os discursos religiosos citados acima como imprescindíveis aos evangélicos têm sido utilizados como ferramenta política dentro de uma estratégia de arregimentação e agitação política.

Embora enxerguem a relação da igreja com a política de forma negativa e prejudicial até mesmo para o próprio evangelho de Cristo, enquanto mensagem, essa representação ainda é considerada indispensável. No imaginário do público evangélico, é ponto pacífico de que é necessário haver políticos que exerçam essa representação a fim de dar voz e estabelecer uma defesa dos interesses do grupo. O que se conclui portanto, é que as críticas se concentram e se devem à forma como é realizada a atividade política nas igrejas, mas que ela deve ocorrer. Os motivos para que ela ocorra giram em torno especialmente da lógica de defesa e de presença representativa.

Mesmo sendo um dos fatores determinantes da escolha eleitoral, os princípios cristãos não figuram como prioridades iniciais quando os eleitores questionados versavam sobre o que consideram primordial e importante observar em um candidato. O trabalho prestado, o histórico e pautas básicas como saúde, educação e segurança são listadas mais vezes e anteriormente aos princípios cristãos. Entretanto, mesmo quando não se considera inicialmente a religião como algo central, ela se torna determinante em casos extremos como a possibilidade de votar em candidatos associados a pautas progressistas, pouquíssimos eleitores evangélicos votariam em um candidato nestas condições. Além disso, mesmo aparecendo depois nas respostas, a identificação religiosa mostrou ser um fator muito importante para a escolha de candidatos entre o grupo evangélico.

Ao considerar a influência da igreja e lideranças no voto evangélico, por surpreendente que aparenta ser, de acordo com os resultados da pesquisa, a dinâmica de indicação de candidatos por parte das instituições demonstrou ser ineficiente em relação aos entrevistados o que se confirma também em outros trabalhos. Entretanto, os questionados reconhecem que há uma grande efetividade nesta dinâmica. O que se observa então é que a efetividade não está na indicação das lideranças que por vezes causa até mesmo aversão,



especialmente quando realizada dentro do templo religioso, motivo de revolta nos entrevistados. A efetividade então fica reservada à outras nuances eleitorais como a organização do grupo ou mesmo algo relacionado a uma teoria racional do voto. Isso porque, traços relacionados à teoria racional também são encontrados nas entrevistas analisadas, uma vez que os cidadãos podem perceber algum custo benefício em votar nos candidatos ali apresentados ou conhecidos e moralmente validados por seu grupo religioso. Desta maneira, o eleitor estaria agindo de forma utilitarista. Reduz o custo de ter que procurar por um candidato ideal, e espera-se dele um desempenho compatível aos seus interesses.

Portanto o que se pode considerar finalmente é que a dinâmica coletiva, junto ao fato de se estar inserido em um grupo de tamanha identificação e resistência alta como os evangélicos, afeta diretamente a individualidade e perspectiva individual do voto. A lógica de defesa por detrás do voto, bem como as interações internas ao grupo são capazes de modificar a construção da escolha eleitoral destes cidadãos.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, José Eustáquio Diniz, O voto evangélico garantiu a eleição de Jair Bolsonaro. In **EcoDebate**, ISSN 2446-9394, 31/10/2018. Disponível em: <https://www.ecodebate.com.br/2018/10/31/o-voto-evangelico-garantiu-a-eleicao-de-jair-bolsonaro-artigo-de-jose-eustaquio-diniz-alves/>. Acesso em: 19 nov. 2020.

CARREIRO, G. Sobre a lógica do voto evangélico no Brasil: filiação religiosa e seu impacto na política brasileira. *Século XXI: Revista de Ciências Sociais*, 7(2), 66-100. (2018). Disponível em: doi:<https://doi.org/10.5902/2236672531908>. Acesso em: 15 ago. 2021.

FERREIRA, Rafaela Rezende de Andrade. **Por trás do voto dos cidadãos evangélicos: uma análise sobre a percepção do voto nos candidatos das mesmas congregações religiosas dos fiéis nas eleições de 2018**. Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais. 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/BUOS-BC8J5U>. Acesso em: 22 jun. 2021.

LAZARFELD, Paul; BERELSON, Bernard & GAUDET, Hazel. (1948), *the people's choice: how to voter makes up his mind in a presidential campaign*. Nova York, Columbia University Press.

MCCRACKEN, Grant David. *The Long Interview*. Newbury Park, Calif: Sage Publications, 1988.

NOVAES, R. R. Crenças religiosas e convicções políticas: fronteiras e passagens. In: **FRIDMAN, Luiz (org.). Política e cultura: século XXI**. Rio de Janeiro. Relume Dumará: ALERJ, p. 63-97, 2002

OLSON, Mancur. **The Logic of Collective Action: Public Goods and the Theory of Groups**. Cambridge: Harvard Press, 1965.

PRANDI, R.; SANTOS, R. W. dos; BONATO, M. Igrejas evangélicas como máquinas eleitorais no Brasil. **Revista USP**, [S. l.], n. 120, p. 43-60, 2019. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i120p43-60. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/155530>. Acesso em: 18 jul. 2021.

RODRIGUES, Guilherme Alberto e FUKS, Mario. Grupos sociais e preferência política: o voto evangélico no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Sociais [online]**. 2015, v. 30, n. 87 [Acessado 25 Maio 2021], pp. 115-128. Disponível em: <https://doi.org/10.17666/3087115-128/2015>. ISSN 0102-6909. <https://doi.org/10.17666/3087115-128/2015>.

SMITH, Amy Erica. **Religion and Brazilian democracy**: mobilizing the people of God. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

## **7. ANEXOS**

### **7.1. ROTEIRO**

1. O que você entende por política?
2. Como você define a sua posição política e quais as bases deste pensamento?
3. Por quais motivos você considera mais adequada essa posição?
4. Você acredita que os evangélicos devam ter uma posição política definida? Quais os critérios para essa definição?
5. Como você enxerga a relação da igreja com a política, de um modo geral?
6. Você é a favor de candidaturas evangélicas?
7. Acredita que a igreja deve apoiar essas candidaturas?
8. Qual a importância da presença evangélica na política
9. Acredita que há algum limite para essa atuação dos evangélicos na política?
10. E qual a importância dos candidatos evangélicos?
11. O que você entende por esquerda e direita na política?
12. De que forma você analisa a participação da esquerda e da direita na política?
13. O que é mais importante observar em um candidato para que receba o seu apoio ou voto?
14. Você votaria em um candidato que é favorável ao avanço de pautas progressistas?
15. Você votaria em um candidato em razão da indicação ou apoio dos líderes ou amigos da sua igreja?
16. Você deixaria de votar em um candidato em razão da contraíndicação dos líderes ou amigos da sua igreja?

### **7.2. ENTREVISTAS**

**1 - Tayrone - Homem - 22  
anos – Estudante e auxiliar  
administrativo**

**PESQUISADOR: De maneira geral e genérica, com a intenção de que você seja o mais**

**fiel ao seu pensamento, o que você entende por política?**

ENTREVISTADO: Política está diretamente ligada à questão de governar, acredito que seja algo que deve ser usado e tem que ocorrer. Está ligada à governança e como as pessoas chegam ao governo e vão governar.

**PESQUISADOR: Você acredita que exista um modo correto de governar?**

ENTREVISTADO: É meio relativo porque o correto para mim pode não ser para outra pessoa, mas para mim existe, de acordo com tudo que eu acredito e tudo o que espero do governo ou de quem ou votar, mas que provavelmente não será igual de outras pessoas, mas não tem problema.

**PESQUISADOR: E o que você considera adequado?**

ENTREVISTADO: Políticas que ajudem a sociedade como um todo, que não seja somente igualdade, mas que tenha equidade para todos, pobres e ricos.

**PESQUISADOR: Por quais motivos você considera este ser o pensamento adequado e quais são as suas bases?**

ENTREVISTADO: As bases são a minha criação e formação, aquilo que me trouxe aqui, minha vivência que não é muita, mas que me trouxe aqui. Que a política está aí para igualar as pessoas.

**PESQUISADOR: Você acredita como evangélico que os evangélicos devam ter uma posição política específica? A igreja como instituição, deve ter um posicionamento político? E quais seriam os critérios para definir este pensamento?**

ENTREVISTADO: Não acredito que devemos pensar igual, embora sejamos um grupo, temos particularidades. Vamos supor que eu queira votar em alguém que está ligado aos meus princípios, mas também a minha profissão, nem todo mundo deve seguir isso. Tem um pouco de grupo, mas também há individualidade.

**PESQUISADOR: Você acha mais importante mesmo que a pessoa faça parte do grupo religioso, que ela vote sob critérios individuais apenas?**

ENTREVISTADO: Sim, pois se eu seguir uma ideia de grupo e essa ideia conflitar de alguma forma com aquilo que eu acredito, eu vou me arrepender deste voto.

**PESQUISADOR: Então você não acredita que a igreja deva votar conjuntamente?**

ENTREVISTADO: Acreditam que ela possa sugerir, pois o voto é secreto individual e intransferível, tudo influencia meu voto, mas quem decide é minha individualidade.

**PESQUISADOR: Você entende que os princípios cristãos não devam ser a primeira coisa a ser considerada no voto?**

ENTREVISTADO: Depende de pessoa para pessoa.

**PESQUISADOR: No seu voto.**

ENTREVISTADO: No meu voto vou considerar minha vivência, os princípios evangélicos, porque muitas vezes acreditamos até mesmo em indicações de parentes, qualquer

peessoa que nos aborda na rua e consegue nos convencer, então acredito que todas as pessoas na hora de votar vão pesar tudo isso, mas acredito que a igreja possa sugerir aos fiéis que há um candidato, mas que o indivíduo decida se vota ou não.

**PESQUISADOR: Qual a relevância dos princípios evangélicos no seu voto?**

ENTREVISTADO: Da imposição da igreja ou dos meus?

**PESQUISADOR: Dos seus princípios a partir da sua concepção cristã**

ENTREVISTADO: A pessoa que eu vou votar tem que pensar na sociedade como um todo, portanto eu diria de 40% a 60%, mas vou fechar nos 40%.

**PESQUISADOR: Então o seu voto tem uma relevância secular muito alta, do trabalho e sua área profissional estão mais inseridos ou tanto quanto seus princípios cristãos.**

ENTREVISTADO: Pode se dizer que sim, porque posso votar numa pessoa que segue meus princípios, mas não melhora a rua onde eu ando, não traz boas propostas, que não ajuda em nada, mas está de acordo com meus princípios, isso não resolve os problemas que eu enfrento como cidadão.

**PESQUISADOR: Como você enxerga a relação da igreja com a política. E como você acredita que ela deve ocorrer?**

ENTREVISTADO: Acredito que todos os grupos precisam de representatividade, o que eu entendo por democracia é isso, já que eu não posso participar diretamente, devo ser representado, embora haja plataformas de participação, eu não posso decidir. Na igreja vemos um conflito em que a igreja deveria se envolver mais e outros que deveriam envolver menos, mas para mim, o importante é a forma como ela se envolve já que a igreja não pode determinar em quem devemos votar, apenas sugerir. Como eu já disse, ele pode concordar comigo, mas não ser um bom gestor.

**PESQUISADOR: Você é a favor de candidaturas evangélicas?**

Sim

**PESQUISADOR: Você é favorável a candidaturas baseadas somente na representação religiosa?**

ENTREVISTADO: Não, porque se na política as pessoas se elegem pelos seus grupos, elas se voltam somente a eles, mas devemos pensar em sociedade como um todo, além do grupo da igreja, de comerciantes, devemos pensar no todo.

**PESQUISADOR: A igreja deve apoiar essa candidatura? Como?**

ENTREVISTADO: Como eu disse, se ele for evangélico, provavelmente as ideias irão de encontro com as da igreja, mas se ele não tiver bons projetos e não estiver disposto a trabalhar em prol da sociedade, ele não receberá meu voto só por ser evangélico.

**PESQUISADOR: Qual a importância da representação evangélica na política?**

ENTREVISTADO: Importante porque todos os grupos deveriam ser representados.

**PESQUISADOR: Tirando o foco da representação do candidato evangélico, como você**

**enxerga dos evangélicos como grupo defenderem seus interesses na política?**

ENTREVISTADO: Acredito que seja válido, como outros grupos, mas sempre pensando em sociedade.

**PESQUISADOR: Você acha então que há um limite?**

ENTREVISTADO: Sim

**PESQUISADOR: Qual o limite da presença evangélica na política?**

ENTREVISTADO: Não pode atrapalhar outros grupos. Um grupo não pode se sobrepor ao outro. Temos inúmeros grupos e eles devem ser tratados igualmente.

**PESQUISADOR: V acredita que essa participação vem se sobrepondo a outros grupos, ferindo este respectivo limite?**

ENTREVISTADO: Muitas vezes sim, mas também ocorre o contrário, eu já não votaria em uma pessoa dessa, se o candidato está preocupado em atingir outros grupos, ele está só para brigar.

**PESQUISADOR: Você acredita que o avanço de pautas progressistas e consolidação de direitos de minorias políticas é uma ofensa ou uma ameaça aos princípios evangélicos?**

ENTREVISTADO: Bom, não posso impor meus princípios a ninguém, o que eu acredito é que a pessoa que me representa apenas deve garantir meu direito de exercer minha religião, não acredito que isso vá acontecer no Brasil, mas só quero minha liberdade de culto. Não quero que ninguém avance sobre outro grupo, ou defina suas pautas.

**PESQUISADOR: Como você define seu posicionamento político?**

ENTREVISTADO: Não concordo totalmente com a direita nem com a esquerda, acredito numa forma de política que possa conciliar o melhor de cada coisa, que dizem ser o centro, mas não acredito que seja isso também. Podemos pensar por exemplo, em investir mais em educação, mas reduzir também impostos, podemos buscar o melhor de ambos, não sendo extremistas.

**PESQUISADOR: O que você entende por direita e esquerda na política?**

ENTREVISTADO: Em direita penso no cenário atual em que pensamos em conservadorismo e liberalismo. Com esquerda penso em defesa dos direitos sociais e que querem a liberdade de direitos, não relacionado a economia, mas liberdade social.

**PESQUISADOR: Como você analisa a atuação desses espectros políticos, quais suas críticas e análise?**

ENTREVISTADO: Estão mais preocupados em brigar do que em executar e representar seus eleitores, o cenário está muito polarizado, as pessoas estão extremistas, ou você é esquerda ou direita.

**PESQUISADOR: O que você considera primordial para que um candidato receba seu apoio?**

ENTREVISTADO: Deve ter bons projetos para educação, isso é tão básico, educação,

saúde e saneamento que já deveríamos estar discutindo coisas além disso e mais complexas. Mas esse candidato deve focar nessas coisas e tornar a educação mais universal e com mais qualidade, de forma que o aluno saia da escola sabendo administrar sua casa economicamente, que ele entenda de economia e constituição, pelo menos, nós estudamos muitas coisas e saímos da escola sem saber cidadania. Saímos da escola sem saber nossos direitos como consumidor e trabalhador, não sabemos empreendedorismo e eu acho que as escolas poderiam focar nisso. A saúde deveria ser melhor e são pautas que todos tocam, mas que falta projeto plausível, que seja exequível.

**PESQUISADOR: Em qual tipo de candidato você não votaria?**

ENTREVISTADO: Naqueles que não tem projeto, e infelizmente são muitos.

**PESQUISADOR: Pensando no que costumamos ouvir por voto evangélico, caso houvesse um candidato evangélico sem projetos, sem chance de receber o seu voto?**

ENTREVISTADO: Sem chance, não mais hoje.

**PESQUISADOR: E um candidato que possua muitos projetos e com identificação política com seus ideais, mas que não defenda os princípios cristãos, você votaria?**

ENTREVISTADO: Votaria

**PESQUISADOR: E um candidato abertamente crítico ou que defende princípios que contradizem os seus?**

ENTREVISTADO: Ele teria que ter bons projetos e eu poderia votar nele, pensando em sociedade, se fosse pensar só em mim, talvez não votaria. Se for alguém que entenda de educação que levante debates e análises que proponha uma melhora, receberia meu voto sim.

**PESQUISADOR: Considerando que exista um candidato completamente ideal, mas ele é a favor de pautas sensíveis ao pensamento evangélico como a legalização do aborto e ampliação das pautas progressistas, ainda assim votaria?**

ENTREVISTADO: Receberia sim, supomos que ele esteja conflitando em uma questão e talvez a melhora que ele trará para a sociedade, país ou Estado, seja muito maior que esse conflito.

**PESQUISADOR: O quão relevante você considera ser a opinião dos seus pares na igreja? De 1 a 10.**

ENTREVISTADO: 5

**PESQUISADOR: Você deixaria de votar ou votaria em alguém por conta dessa relação?**

ENTREVISTADO: Influencia, mas não é determinante.

**PESQUISADOR: Tendo um candidato ideal que defenda pautas progressistas, você diria aos seus pares que vai votar nele?**

ENTREVISTADO: Não faria campanha, mas declararia o voto sim



**anos - Estudante**

**PESQUISADOR: De maneira geral, apenas para exprimir seu entendimento, o que você entende por política?**

ENTREVISTADO: De maneira geral são formas estabelecidas para organizar a sociedade e escolher representantes.

**PESQUISADOR: Você considera que tem um pensamento político formado ou preestabelecido?**

ENTREVISTADO: Para ser sincero, não. Eu tenho pensamentos que variam, passam pela questão social e querendo ou não quando a gente fala de política já é automático a gente ser rotulado. Querendo ou não, não tenho pensamento fixo, eu sempre pego ideias tanto de um lado quanto do outro e formulo a minha.

**PESQUISADOR: Você tem uma posição política? Alguns princípios que norteiam esse pensamento? Se pudesse definir seu pensamento, qual seria?**

ENTREVISTADO: A questão da criação influencia muito, mas quando a gente estuda e principalmente quando vem de escola pública, a gente acaba se apegando a questões sociais, são as maiores influências, diria que é uma mescla entre conservadorismo e igualdade social.

**PESQUISADOR: Então você se considera conservador no eixo social, mas é importante estar atento à desigualdade. Por quais motivos você acredita que deve pensar de uma maneira conservadora e ao mesmo tempo considera ser fundamental estar baseada na igualdade?**

ENTREVISTADO: A religião tem uma certa influência no que pensamos sobre sociedade e costumes. Por questões da religião, questões bíblicas, sempre soube o social é muito importante, entretanto a gente acaba de certa forma, principalmente no Brasil, rotulado que os evangélicos são conservadores e querendo ou não foi me passado um mesmo ensinamento, de gerações e com isso eu acabei pegando certos pensamentos conservadores que eu vi que não afetaria em nada a conciliação entre um pensamento mais social.

**PESQUISADOR: Você acha que os evangélicos devam ter uma posição política definida? Deve haver participação e quais critérios devem definir essa posição?**

ENTREVISTADO: Acredito que deve ter um comum acordo, nada que fira os princípios, já que cada religião tem seus fundamentos, mas acredito que toda área, absolutamente toda área deve ter o seu representante, porque se elegeisse alguém que não encaixa nesse padrão cristão então tecnicamente ele não me representa. Independentemente da liderança, primeiramente tem que respeitar os princípios cristãos, mas deve ter também entendimento político, porque isso importa muito, não pode ser qualquer pessoa, só por ser evangélico e dizer que vai representar esse grupo. Tem que ter estudo e experiência.

**PESQUISADOR: Como você enxerga a relação da igreja com a política?**

ENTREVISTADO: Eu digo com base no que vimos recentemente, as vezes as pessoas

não se sentem próximas, escolhem um representante e só veem esse representante de 4 em 4 anos, não tem aquela proximidade e só sabe quando o candidato já está eleito ou querendo voto.

**PESQUISADOR: Tirando o foco do representante, de maneira geral, tratando da participação popular, como você entende a participação da igreja?**

ENTREVISTADO: Tem que ser próxima, porque a igreja faz parte da sociedade, somos cidadãos, temos que sempre estar por dentro.

**PESQUISADOR: Você acha que existe um limite para a defesa dos princípios cristão?**

ENTREVISTADO: Com certeza, tudo tem que ter limite porque daqui a pouco começam a virar regalias e não é isso que buscamos, apenas queremos representatividade e presença política.

**PESQUISADOR: Você acredita que a defesa dos princípios evangélicos na política, tem ultrapassado esses limites?**

ENTREVISTADO: Teoricamente não deveria ser invasiva essa participação, mas muitas vezes torna-se invasiva como uma defesa. Mas por exemplo, temos um estatuto que não permite casamentos ou união do mesmo sexo na igreja, e o pastor não permite por questões da igreja. Então acaba sendo uma defesa.

**PESQUISADOR: Quando os pastores não autorizam um casamento homoafetivo nas instituições religiosas, em respeito a um princípio, você acredita que a igreja deve defender também a não realização desse casamento no civil apenas?**

ENTREVISTADO: Não, como eu disse antes, além da igreja há uma sociedade. Então acredito que não deve ser invasivo.

**PESQUISADOR: Você é a favor das candidaturas evangélicas?**

ENTREVISTADO: Sim.

**PESQUISADOR: Em uma situação hipotética em que há um candidato não evangélico, mas que te representa de outras maneiras coletivamente e existe um candidato que vai defender seus princípios cristãos, sabendo que este não tem uma representação tão qualificada quanto a sua atuação política. Em quem você votaria?**

ENTREVISTADO: Se eu disser que votaria no evangélico, só estaria pensando no meu próprio umbigo, o outro talvez pudesse fazer um trabalho melhor e tendo um alcance muito maior. Ou pensaria só em mim ou no geral, de certa forma eu seria representado pelos dois, mas o alcance de um é maior, eu ficaria com a representação mais ampla.

**PESQUISADOR: Você acha que toda a igreja deveria pensar assim, ou deveria como instituição apoiar quem defenderia os princípios da igreja?**

ENTREVISTADO: A gente teria que ver um outro ponto, porque como eu disse, antes de ter qualquer coisa de grupo, existe uma sociedade, este é o pontapé inicial, mas a partir do ponto em que determinados grupos tem seus representantes eleitos e outros não, o que não

tem é mais afetado, levando isso em consideração, que outros grupos têm representação, a igreja deve ter alguém representando ela, por isso deve-se votar neste candidato evangélico. Mas pensando em sociedade, deveríamos votar em alguém que fosse qualificado, independentemente de religião.

**PESQUISADOR: Você acha que a liderança da igreja deve conduzir este voto para alguém que seja evangélico?**

ENTREVISTADO: Sim.

**PESQUISADOR: Como você definiria sua posição política?**

ENTREVISTADO: De centro, porque tenho pensamentos dos dois lados. Hoje em dia está muito polarizado, então acabamos sendo rotulados. Não me considero de esquerda ou direita.

**PESQUISADOR: Como você acha que a igreja deveria se definir politicamente?**

ENTREVISTADO: Não há na bíblia nada sobre isso, mas acredito que sempre deve-se pensar no social, mas também sem ferir os princípios cristãos.

**PESQUISADOR: O que você entende por direita, esquerda e centro na política?**

ENTREVISTADO: Entendo a direita como sendo mais conservadora em sentido patriarcal, pensando em dinheiro, no caso economia e desenvolvimento econômico, mais individual e egoísta, já a esquerda sempre foi mais liberal, apoiando as minorias, grupos de esquerda, com movimentos mais chamativos, feministas, LGBT e tudo mais. Já o centro, hoje em dia, o centro está muito próximo a direita, as vezes fala que é de centro para não dizer que é de direita, eu mesmo não sou de direita nem de esquerda, mas hoje em dia está complicado.

**PESQUISADOR: E de que forma você avalia a atuação desses espectros políticos?**

ENTREVISTADO: Acho que deveria haver menos extremismo, por exemplo, para alguns eu sou extremo direita ou esquerda, se você for moderado, já é rotulado como outra coisa, minha crítica é essa, parar de defender lados e focar no que acontece de verdade, muita hipocrisia também, fazem coisas iguais com pesos e medidas diferentes, acredito que tenha que abrir os olhos para ambos os lados.

**PESQUISADOR: Como evangélico você entende que de alguma forma os princípios evangélicos estão em perigo politicamente?**

ENTREVISTADO: Sim e não

**PESQUISADOR: Você acha que quando as pessoas dizem que a esquerda quer acabar com a igreja, destruir a família, você enxerga isso como uma ameaça real?**

ENTREVISTADO: Não por completo, porque como eu disse, certos costumes e doutrinas já estão regulamentadas em estatuto, uma vez que você está respaldado pela lei, acredito que não será da noite para o dia que alguém vai interferir na igreja, estamos falando de uma religião milenar, para se mudar, não é da noite para o dia, há oposição e discordância mas para chegar ao ponto de mudar algo, acho que é muito difícil. Enquanto houver

representação política, não vejo perigo.

**PESQUISADOR: Você enxerga o avanço das pautas progressistas e consolidação de direitos de minorias políticas como uma ameaça aos princípios cristãos?**

ENTREVISTADO: De certa forma, sim, bíblicamente falando não está de acordo.

**PESQUISADOR: Você prefere que os princípios cristãos devam ser preservados ou que as pautas progressistas avancem?**

ENTREVISTADO: Prefiro que os princípios cristãos sejam mantidos. Mas por mim, somente espero que não chegue ao ponto de conflitar.

**PESQUISADOR: Você acha que há conflito?**

ENTREVISTADO: Sim, mas se pudesse não haver, não conflitando com ninguém, era o ideal, as coisas avançarem para todo mundo, sem ser invasivo a ninguém.

**PESQUISADOR: Mas em situação de conflito de interesses?**

ENTREVISTADO: Prefiro que se mantenham os princípios da igreja.

**PESQUISADOR: O que você considera importante observar em um candidato para que ele receba seu voto?**

ENTREVISTADO: Representatividade

**PESQUISADOR: Em que sentido?**

ENTREVISTADO: O Tiririca, por exemplo, aprovou muitas matérias a favor do grupo circense, não sei se emenda ou lei, então ele representou um nicho, um grupo específico. Acho que com a igreja deve ser assim.

**PESQUISADOR: O que você espera dessa representatividade?**

ENTREVISTADO: Eu penso em algo mais social, pelo fato de ter crescido em zonas periféricas e tudo mais, eu sei que são regiões que se vê pouca presença do estado e representatividade.

**PESQUISADOR: Você votaria em alguém que te representasse dessa forma, mas que possuísse pautas progressistas?**

ENTREVISTADO: Me balançaria, acredito que não. Na verdade, não.

**PESQUISADOR: Você considera relevante a influência dos seus pares na igreja?**

ENTREVISTADO: Sim, demais, influencia, mas não define meu voto

**PESQUISADOR: Qual o tamanho dessa influência de 1 a 10?**

ENTREVISTADO: 7

**PESQUISADOR: Você mudaria seu voto a partir dessa influência? Seja de uma liderança ou amizade.**

ENTREVISTADO: Não

**PESQUISADOR: Você votaria em um candidato a partir da recomendação da igreja?**

ENTREVISTADO: Sim

**3 - Adna - Mulher - 39 anos –  
Autônoma.**

**PESQUISADOR: O que você entende por política?**

ENTREVISTADO: Entendo como um ato democrático em que nós podemos escolher na questão do voto, pessoas para nos defender e defender os interesses da população.

**PESQUISADOR: Como você enxerga a política, como pensa sobre ela?**

ENTREVISTADO: Acho que ela precisa existir, mas nos dias de hoje, não existe mais uma política verdadeira, sem interesses da parte dos políticos.

**PESQUISADOR: Você consegue definir uma posição política?**

ENTREVISTADO: Como eu disse na primeira resposta, acho que é um ato democrático em que escolhemos pessoas para nos defender, mas a partir do momento que a pessoa chega lá, na hora de ela defender isso, porque nós apostamos na pessoa, mas elas nos deixam desacreditadas, porque a gente acredita naquele propósito, naquilo que a pessoa promete e nos projetos, mas quando chega lá, deixa a desejar.

**PESQUISADOR: Como você acha que deveria ser a política?**

ENTREVISTADO: Essa resposta é complicada, mas acredito que teria que ser por voto porque nós temos esse poder de escolher, mas talvez alguns critérios poderiam ser diferentes, alguns pré-requisitos, pessoas que fossem bem selecionadas, ser mais criterioso a escolha desses candidatos.

**PESQUISADOR: O que você acha que a política deveria priorizar?**

ENTREVISTADO: Saúde e educação, né? Porque as pessoas mais humildes elas são carentes disso, de educação e de saúde que é o primordial.

**PESQUISADOR: Por quais motivos você considera em uma política democrática e plural, e deve ser conduzida pelas pautas sociais?**

ENTREVISTADO: Porque a tão falada corrupção, eu acho que ela não deixa as coisas acontecerem, porque os políticos pensam nos seus próprios interesses e a corrupção sempre fala mais alto.

**PESQUISADOR: Se você tivesse que definir a sua posição política, como você definiria?**

ENTREVISTADO: Eu sou um pouco leiga em relação à política, o que eu sei é o que a gente acompanhada pelo jornal, mas sobre isso eu fico confusa.

**PESQUISADOR: Você enxerga que exista uma posição mais adequada ou mais vantajosa que a outra? Dentro de uma perspectiva geral?**

ENTREVISTADO: Me sinto confusa.

**PESQUISADOR: Como evangélica, você acredita que os evangélicos como um grupo, devam ter uma posição política definida e quais seriam os critérios para defini-la?**

ENTREVISTADO: Acho que a política cabe em todos os lugares, dentro da ordem e da decência, acho que há um momento e lugar certo para isso, então acredito que possa existir

a política no meio evangélico, em todos os ambientes, mas no momento certo, na hora certa e com as pessoas certas.

**PESQUISADOR: Quando você fala de ordem e decência e lugar certo, qual o exemplo disso? E qual seria o limite dessa relação?**

ENTREVISTADO: Quando eu falo sobre isso, falo na questão de a igreja ser um templo, vamos ali para adorar ao Senhor, para cultuar e ler a palavra e acho que essas coisas não podem ser misturadas, o culto, o ensinamento, da política, acho que pode marcar uma reunião para isso, mas subir no púlpito e falar de política, no templo, eu não concordo, acho que não cabe.

**PESQUISADOR: A senhora já ouviu alguma expressão semelhante a: “Um cristão deve se posicionar na política dessa maneira, ou um cristão de verdade não vota em candidato ou em partido tal?”**

ENTREVISTADO: Sim, já ouvi.

**PESQUISADOR: O que você pensa sobre isso?**

Acredito que as coisas têm que ser separadas, religião de política, não que o crente e servo não possa apoiar um candidato ou defender um projeto de um deputado né? Mas eu acho que cada um no seu ambiente, cada um no seu tempo, cada um do seu jeito.

**PESQUISADOR: Então não acredita que tenha essa imposição sobre a posição adequada para um evangélico na política?**

ENTREVISTADO: Não acredito nisso, apesar de existir na igreja né? Porque muitos crentes têm uma visão muito alienada, se o pastor falar que tem que votar, a pessoa vota. Eu não concordo com isso, cada pessoa tem sua própria opinião e conclusões sobre cada candidato.

**PESQUISADOR: Quando se fala em princípios que o cristão deve ter na política, a senhora acredita que o cristão deve ter alguns princípios ao considerar o voto e o candidato?**

ENTREVISTADO: Tem que haver princípios, porque existe muita barganha e troca de favores. Acredito que um político possa ajudar a igreja ou um membro, um trabalho social, mas não como forma de troca de favores ou de voto, como moeda de troca.

**PESQUISADOR: E quando pensamos ideologicamente, você acredita que exista algum tipo de candidato ou partido, ou ideologia que o cristão não deve votar?**

ENTREVISTADO: Sim, nós temos que ter uma ideia de que a gente sempre precisa fazer as boas escolhas e no princípio evangélico, nossos princípios como cristãos, a gente tem que saber fazer escolhas. Em questão de gênero e homossexualismo, temos que seguir o que está na bíblia.

**PESQUISADOR: Então esses seriam os princípios a se considerar?**

ENTREVISTADO: Sim

**PESQUISADOR: De modo geral, como você enxerga a relação da igreja com a política?**

ENTREVISTADO: Acredito que poderia ser mais distante porque acaba influenciando.

**PESQUISADOR: Poderia dar algum exemplo?**

ENTREVISTADO: Sim, você leva um candidato na sua igreja e apresenta ele e faz aquela política e demonstra que a pessoa é uma pessoa de boa índole e projetos, mas você está usando a casa do Senhor e a oportunidade do culto para convencer, para aproveitar a situação.

**PESQUISADOR: A senhora é a favor de candidaturas evangélicas?**

ENTREVISTADO: Sim, com certeza.

**PESQUISADOR: É a favor de uma candidatura baseada na representação evangélica? Como o candidato da igreja?**

ENTREVISTADO: Eu acredito, desde que eu conheça e tenha um contato direto com essa pessoa, não que alguém me falou ou induziu, mas acredito que possa sim ter um candidato evangélico.

**PESQUISADOR: Acredita que a igreja deve apoiar essas candidaturas?**

ENTREVISTADO: Acho que a política está em todos lugares, então se o candidato evangélico se candidata e a gente tem oportunidade de apoiar e acreditar naquele projeto, acredito que sim.

**PESQUISADOR: Qual é a importância da presença evangélica na política? Como grupo e como representação.**

ENTREVISTADO: A política está em todos os lugares certo? Então acredito que sim, que a política pode estar dentro da igreja, mas no momento certo, tenho convicção disso, de que eu acredito que sim, que pode fazer política em todos os lugares.

**PESQUISADOR: E por que se deve fazer política?**

ENTREVISTADO: Porque precisamos escolher alguém para nos representar, precisamos estar convencidos de que aquela escolha é a melhor escolha para mim, para minha família e para minha igreja, algum interesse no bom sentido, que fortaleça nós cristãos com uma política verdadeira e honesta.

**PESQUISADOR: Então a importância seria escolher um candidato que fortalecesse a igreja e a família e que defendesse isso?**

ENTREVISTADO: Sim.

**PESQUISADOR: De que forma você analisa a participação do que você entende por direita e esquerda na política?**

ENTREVISTADO: Apesar de ser leiga sobre isso, quando as pessoas falam de esquerda, eu entendo que é o que está contra, que faz oposição, que ataca o governo que está comandando no momento, então eu entendo isso quando fala esquerda, são as pessoas que estão contra o governo que está atualmente.

**PESQUISADOR: E a senhora possui alguma impressão sobre essa oposição?**

ENTREVISTADO: Não, para mim é indiferente, porque não necessariamente o governo está certo e não necessariamente a esquerda.

**PESQUISADOR: O governo atual seria à direita?**

ENTREVISTADO: Isso.

**PESQUISADOR: E qual a sua impressão?**

ENTREVISTADO: Eu posso falar do governo atual?

**PESQUISADOR: Sim.**

ENTREVISTADO: No caso, para mim direita seria o presidente, que eu sou totalmente contra, não sou a favor do governo nem das atitudes dele, apesar de ele se dizer um cristão, eu não concordo com as atitudes e com o que ele quer passar para a população e para nós, famílias cristãs.

**PESQUISADOR: Quando eu perguntei sobre os princípios evangélicos na política, a senhora disse que teria que analisar sempre um candidato que defendesse a família e que fortalecesse a igreja, teoricamente o Bolsonaro não se enquadra nisso?**

ENTREVISTADO: Sim.

**PESQUISADOR: Então o que falta ao presidente para se enquadrar nisso?**

ENTREVISTADO: Apesar de ele ter sido mais votado pelos evangélicos, eu não votei nele, mesmo com discurso de cristão e hoje tenho mais convicção de que fiz certo, justamente porque não acredito que ele defende família, os pobres, ele não defende os mais humildes, ele não se preocupa com desemprego, não vejo ele como um presidente cristão.

**PESQUISADOR: Não é suficiente que alguém discursse sobre essas pautas? Então o que faltaria ao Bolsonaro para ser o candidato que se encaixa no seu perfil?**

ENTREVISTADO: Falar menos e fazer mais. A questão é que ele só milita, só exército, só militar, ele quer fazer com que a população “marche”, no sentido de falar que ele quer que a gente seja alienada a ele, ele não quer fazer com que as pessoas vivam bem. Na pandemia ele o tempo todo brincou com as pessoas e com o vírus, ficou falando que era gripezinha e que as pessoas precisam dar tiro de feijão, ele podia levar as pessoas mais a sério e colocar a mão na massa. Ele fala muito e não faz nada, falta humanidade.

**PESQUISADOR: O que você acha mais importante observar em um candidato para que ele receba seu apoio e voto?**

ENTREVISTADO: Para mim o candidato precisa ter postura, saber falar e ouvir, porque na campanha todos sabem ouvir, mas depois que estão com a caneta na mão... tem que ter honestidade e humanidade, se preocupar com aqueles que não tem condição e oportunidade. Hoje em dia a política é para os pobres, precisamos lutar pelos que não tem condição e voz. Buscamos uma voz que fale por nós, porque a nossa não alcança.

**PESQUISADOR: Você acredita que a política é a forma de representar os sub-**



**representados e é feita para a defesa dos pobres?**

ENTREVISTADO: Exatamente

**PESQUISADOR: Voltando aos princípios por você citados, você votaria em um candidato favorável às pautas progressistas, desde que ele se preocupasse com os pobres e pautas sociais e tivesse trabalho direcionado à saúde e educação?**

ENTREVISTADO: Eu votaria nele porque não posso pensar só em mim, apesar de não serem os meus princípios, eu preciso pensar na causa de várias pessoas.

**PESQUISADOR: Quando falou sobre a importância dos evangélicos ser sobre a defesa dos princípios, qual o conflito se enxerga nisso? Entre a defesa dos princípios bíblicos e a necessidade da população? O que está acima?**

ENTREVISTADO: Os princípios estão acima.

**PESQUISADOR: Então não votaria?**

ENTREVISTADO: Eu já estou me contradizendo.

**PESQUISADOR: Entre defender os princípios e um bom candidato, você fica com o quê?**

ENTREVISTADO: Ficaria com os princípios.

**PESQUISADOR: Então não votaria neste candidato?**

ENTREVISTADO: Não votaria.

**PESQUISADOR: O que a senhora entende por ideologia de gênero?**

ENTREVISTADO: Homem com homem, mulher com mulher.

**PESQUISADOR: Você acredita que exista um limite na defesa desses princípios na política?**

ENTREVISTADO: Não sei.

**PESQUISADOR: A senhora considera o casamento homoafetivo no civil, legítimo?**

ENTREVISTADO: Pelos meus princípios, não.

**PESQUISADOR: Não deveria ser aprovado então?**

ENTREVISTADO: Também não.

**PESQUISADOR: Então não há limite?**

ENTREVISTADO: Não.

**PESQUISADOR: Mesmo que invada o espaço de outrem?**

ENTREVISTADO: Sim.

**PESQUISADOR: Você votaria em alguém em razão da indicação de uma liderança ou relação da igreja?**

ENTREVISTADO: Não, tenho minha própria escolha.

**PESQUISADOR: Deixaria de votar em razão da contraindicação dessas lideranças?**

ENTREVISTADO: Eu iria analisar o porquê estar falando para não votar.

**PESQUISADOR: Então há um peso nestas opiniões?**

ENTREVISTADO: Há um peso, mas não é o que define.

**PESQUISADOR: E como enxerga isso vindo de amizades?**

ENTREVISTADO: Acho irrelevante, preciso analisar os meus interesses.

**PESQUISADOR: Mas há influência?**

ENTREVISTADO: Com certeza, nas amizades, na família, tudo influencia.

**PESQUISADOR: Já se sentiu sugestionada por conta dessas relações?**

ENTREVISTADO: Não.

#### **4 - Janice - Mulher - 42 anos**

**– Enfermeira – Líder do departamento de família.**

**PESQUISADOR: Exerce alguma atividade ou função?**

ENTREVISTADO: Sim, sou líder do ministério de família.

**PESQUISADOR: O que você entende por política?**

ENTREVISTADO: Na verdade, a política nós exercemos diariamente, acho que são escolhas e definições, mas o cenário político entendo como representantes da vontade da maioria.

**PESQUISADOR: Como você enxerga a política?**

ENTREVISTADO: Enxergo de maneira positiva, e tento ver de maneira esperançosa, porque faz parte de um todo e não tem como fugir disso, acho muito importante, não podemos deixar de participar.

**PESQUISADOR: Você consegue definir as suas bases, crenças ou posição política?**

ENTREVISTADO: Normalmente a gente tende a acreditar naquele político que normalmente segue as mesmas vertentes do que a gente acredita, na questão dos valores, isso que na verdade determina as nossas escolhas.

**PESQUISADOR: Quais seriam esses valores?**

ENTREVISTADO: Familiares, são valores que defendem a família, proteção infantil, oportunidade, especialmente aos jovens, são coisas que a gente precisa para produzir uma sociedade saudável.

**PESQUISADOR: Por quais motivos você acredita que esse seja o caminho?**

ENTREVISTADO: As crianças são o futuro e uma família estruturada reflete uma sociedade estruturada, então não tem como descartar isso.

**PESQUISADOR: Como evangélica você acredita que os evangélicos devam se comportar como um grupo político e ter uma posição definida?**

ENTREVISTADO: Com certeza, porque os evangélicos são parte da sociedade e precisam se posicionar.

**PESQUISADOR: E quais seriam os critérios para essa definição?**

ENTREVISTADO: Normalmente o que norteia, são esses valores que andam em conjunto com aquilo que a gente acredita.

**PESQUISADOR: Os citados anteriormente?**

ENTREVISTADO: Sim.

**PESQUISADOR: Como você enxerga a relação da igreja com a política de maneira geral? Esses valores que você citou têm sido defendidos?**

ENTREVISTADO: Poderia ser mais eficaz. Mas não defende só da questão religiosa, porque todos têm uma família, mas sinceramente, estou falando de família tradicional, assim julgo, mas tem outros que consideram famílias diferentes, e não que seja certo ou errado, mas se aquela família se define assim...

**PESQUISADOR: Quando você fala de defesa, se refere à tradicional?**

ENTREVISTADO: Sim.

**PESQUISADOR: E sobre a eficácia?**

ENTREVISTADO: Mais atuante, mas vejo as coisas melhorando, especialmente no que diz respeito à interferência educacional, eu vivi experiências que eu vi algumas coisas mudando. Acho que o respeito independente de qualquer vertente, ele tem que existir, não pode ser invasivo, não pode entrar de uma forma que tente mudar a estrutura de valores que você estabeleceu para sua família, então é isso.

**PESQUISADOR: Você acredita que exista um limite na defesa desses valores?**

ENTREVISTADO: Sim, podemos defender a família sem invadir o espaço de ninguém.

**PESQUISADOR: Você considera como defensora da família tradicional, que esse espaço tem sido ameaçado?**

ENTREVISTADO: Atualmente não. Porque eu escolhi como educar meus filhos e busco caminhos para isso, por exemplo, a escola. Mas ainda existem outras coisas, mas depende de os pais podarem. Mas de modo geral, eu já me senti, atualmente não.

**PESQUISADOR: Nos espaços públicos você sente?**

ENTREVISTADO: Não.

**PESQUISADOR: E sobre a atuação dos evangélicos nessa defesa, você acredita que tem ultrapassado os limites nos quais você acredita?**

ENTREVISTADO: Eu acho que é um grupo que defende a suas questões, mas não vejo essa invasão.

**PESQUISADOR: Você acredita que em ambas as causas, está existindo uma defesa, mas ela é respeitosa?**

ENTREVISTADO: Sim.

**PESQUISADOR: Você é a favor de candidaturas evangélicas?**

ENTREVISTADO: Sou

**PESQUISADOR: A igreja como instituição deve apoiá-las?**

ENTREVISTADO: Esse é assunto controverso, não consigo responder, vou dizer que depende.

**PESQUISADOR: Existiria uma forma correta de acontecer então?**

ENTREVISTADO: Isso, púlpito não é palanque, deve haver cuidado.

**PESQUISADOR: É importante ter esses candidatos?**

ENTREVISTADO: Sim, porque existem candidatos em todos os setores da sociedade, por que não ter evangélico?

**PESQUISADOR: E qual a importância da presença evangélica na política?**

ENTREVISTADO: O eleito na verdade, ele tem que defender um todo, mas quando a gente determina ou coloca o poder nas mãos de alguém para nos representar, a gente imagina que essas pessoas vão defender o que é interesse do grupo, por isso é importante.

**PESQUISADOR: O que você observa em um candidato, primordialmente para que ele receba seu voto?**

ENTREVISTADO: Um candidato cristão comprometido com as verdades bíblicas, comprometido com a palavra dele, comprometido na obra e com o seu testemunho de vida, e eu preciso conhecer, não basta dizer que é evangélico, isso não diz nada.

**PESQUISADOR: Esse candidato precisa necessariamente ser evangélico ou cristão?**

ENTREVISTADO: Seria importante, mas não decisivo.

**PESQUISADOR: Quais outros fatores você considera?**

ENTREVISTADO: A pessoa pode não ser evangélica, mas ser uma pessoa participante e ativa na sociedade, com trabalhos relevantes.

**PESQUISADOR: A atuação estaria acima da relação religiosa?**

ENTREVISTADO: Com certeza.

**PESQUISADOR: Vamos supor uma situação mais conflituosa, uma pessoa com essa atuação política, mas defenda pautas progressistas, você ainda votaria nessa pessoa?**

ENTREVISTADO: Não. A atuação política está acima da religião desde que não vá contra o que eu acredito.

**PESQUISADOR: Você acredita que candidaturas progressistas ameaçam aquilo que a igreja acredita de alguma maneira?**

ENTREVISTADO: Digo que sim porque quando você libera coisas como as drogas, isso ameaça não só a igreja, mas a sociedade, porque a gente sabe que é prejudicial, reflete nas famílias e as destrói.

**PESQUISADOR: Você acredita que a defesa dos valores bíblicos tem acontecido na política?**

ENTREVISTADO: De certa forma sim.

**PESQUISADOR: Você considera que suas relações na igreja ou a indicação de uma**

**liderança influencia ou é determinante no seu voto?**

ENTREVISTADO: Pode ser que sim.

**PESQUISADOR: Você já se sentiu alguma vez sugestionada ou influenciada em seu voto a partir de alguma indicação dessas relações?**

ENTREVISTADO: Sim.

**PESQUISADOR: Você deixaria de votar em alguém por contraindicação dessas relações?**

ENTREVISTADO: Repensaria, mas teria que entender o motivo por trás disso.

**PESQUISADOR: Então não é tão relevante assim?**

ENTREVISTADO: Para mim não, eu precisaria entender e consultar o perfil e histórico deste candidato.

**PESQUISADOR: Você não concorda que essas sugestões aconteçam dentro da igreja?**

ENTREVISTADO: De maneira nenhuma, mas não vejo problema em uma conversa informal.

**PESQUISADOR: Você já ouviu uma expressão como ou semelhante a essa? “Um evangélico de verdade deve pensar e votar assim”.**

ENTREVISTADO: Já, infelizmente.

**PESQUISADOR: Então você discorda desse pensamento?**

ENTREVISTADO: Sim, não acredito nessa abordagem.

**PESQUISADOR: Mas considera que existem princípios que devem ser estabelecidos?**

ENTREVISTADO: Sim, deve haver princípios, mas exigir não, nem enquadrar, cada ser tem seu pensamento, e cada cristão tem o seu, não é por aí. Isso que acho que é seguir a boiada, tem que parar e analisar e ver o que realmente a pessoa acredita. Esse tipo de pensamento invade um espaço muito pessoal. Acho importante a igreja se posicionar e direcionar, mas de uma forma não invasiva e que leve as pessoas a pensar.

**PESQUISADOR: O seu voto deve considerar mais a sua individualidade ou o grupo?**

ENTREVISTADO: Acho que mais o grupo evangélico, porque tem mais responsabilidade.

**PESQUISADOR: Você considera mais no voto o fato de pertencer a um grupo do que a sua individualidade?**

ENTREVISTADO: Com certeza.

**5 - Jucelle - Mulher - 38 anos**

**– Professora – Líder de  
jovens.**

**PESQUISADOR: Você exerce alguma função na igreja?**

ENTREVISTADO: Eu sou da Assembleia de Deus de Madureira e sou líder de jovens

na minha igreja e vice-líder em todo o campo do DF.

**PESQUISADOR: Como você enxerga a política?**

ENTREVISTADO: Hoje estou desacreditada, não me importo mais tanto, até porque na minha cabeça eu tenho coisas mais importantes, antes eu era muito atuante, hoje eu já encerrei meus trabalhos, mas acho importante e não podemos ficar alheios. É a forma que temos de ser representados e participar.

**PESQUISADOR: Você possui alguma posição política com a qual você se identifica? Como você define a sua crença política?**

ENTREVISTADO: Eu já fui petista, já fui bolsonarista, então eu não tenho mais ligações assim com a política, antes a minha participação era atuante, colaborava, participava e militava, hoje só enxergo como algo necessário para nos organizarmos em sociedade, estou desacreditada e não possuo mais ideais. Só sei que hoje não voto mais no PT e não gosto do Bolsonaro, porque hoje é só isso, né?

**PESQUISADOR: Como evangélica o seu comportamento político leva em consideração a sua religião?**

ENTREVISTADO: Leva sim, mas como professora também.

**PESQUISADOR: Me fala um pouco sobre as bases desse princípio e a relação como educadora.**

ENTREVISTADO: Acontece que como negra e pobre e da educação, eu era muito radical sobre direitos e igualdade, todas as coisas que estão associadas à esquerda, mas outras coisas se misturam e eu vejo como prejudiciais nas escolas, isso por causa das pautas progressistas que avançaram muito na época do PT. Hoje como orientadora educacional, eu fico obrigada a aceitar e conviver com ideologia de gênero, porque esse assunto está inserido na cartilha educacional e começou nessa época.

**PESQUISADOR: Você enxerga uma pauta progressista política que entrou na escola?**

ENTREVISTADO: Com certeza.

**PESQUISADOR: O ideal seria o contrário, ou a neutralidade?**

ENTREVISTADO: O ideal é ter neutralidade. Mas isso não significa que eu apoie o governo atual, eu sou contra por causa dos meus princípios, mas não concordo com as atitudes do presidente, por exemplo, acho pura hipocrisia ele como cristão.

**PESQUISADOR: Como educadora você acredita que princípios cristãos deveriam ser inseridos na educação?**

ENTREVISTADO: Tem como inserir, se a gente respeitasse, já seria um avanço. Eu acho possível respeitar todos, mas hoje são dois extremos, mas o princípio cristão nunca foi inserido, mas o contrário disso, foi inserido, então não há respeito. Não precisa a escola falar de igreja para meu filho, isso quem fala sou eu, mas tem que respeitar, não quero o contrário disso também.

**PESQUISADOR: Você considera o avanço das pautas progressistas como uma ameaça?**

ENTREVISTADO: Eu acho que ameaça sim. Hoje um aluno meu, se ele disser que é menino, mas quer ser chamado como menina a gente precisa respeitar isso, então vejo que ameaça porque são adolescentes que nem sabem ainda o que querem.

**PESQUISADOR: A base do seu pensamento político sendo a Bíblia, você acredita adota esse posicionamento porque acredita que ele é benéfico ou por uma lógica de defesa?**

ENTREVISTADO: Eu acredito, mas enxergo também como uma defesa, antigamente a igreja nem podia se misturar com política, mas com as experiências a gente vai vendo que não se envolver, é pior.

**PESQUISADOR: Você acredita que os evangélicos devem ter uma posição política definida? E quais seriam os critérios para definir esse posicionamento?**

ENTREVISTADO: Acho que precisamos participar e eleger alguém, não adianta só espernear na rua, tem que se organizar para eleger, infelizmente.

**PESQUISADOR: Como você enxerga a relação da igreja com a política?**

ENTREVISTADO: Hoje as coisas estão bagunçadas, onde eu congrego já tivemos problemas políticos, porque às vezes o interesse pessoal é um problema, porque não pensam no todo, pensam no benefício próprio.

**PESQUISADOR: Você acha que esse tipo de organização política prejudicial parte das lideranças?**

ENTREVISTADO: Eu penso que por mais que a liderança fale, ela pode colocar quem ela quiser lá, não faz diferença para mim, independente de quem tiver lá, eu posso votar ou não, mas como membro ainda podemos nos organizar.

**PESQUISADOR: Então você acredita em uma organização independente?**

ENTREVISTADO: Isso, porque essas brigas desestruturam a igreja.

**PESQUISADOR: Então hoje essa relação da igreja com a política é prejudicial?**

ENTREVISTADO: Hoje é.

**PESQUISADOR: E você atribui isso às lideranças?**

ENTREVISTADO: Sim, as nacionais, a nível local não há isso. Entretanto o poder de hierarquia maior, vai vir atropelando os demais.

**PESQUISADOR: Você enxerga que há uma dinâmica impositiva sobre as lideranças menores?**

ENTREVISTADO: Sim, as lideranças nacionais vão impondo as suas ordens, a igreja como um militarismo, uma empresa privada, se você não se adequa, você sabe que vai sofrer. E além disso, é muito forte a questão da obediência na igreja, se não obedecer vai ser tirado.

**PESQUISADOR: Isso reflete no comportamento das pessoas?**

ENTREVISTADO: Hoje não reflete na membresia, isso não funciona mais, em casos

isolados vai ocorrer, mas as pessoas não aceitam mais.

**PESQUISADOR: Existe um efeito contrário por parte da membresia?**

ENTREVISTADO: Pode ser que em outros lugares, mas na nossa não, não há essa organização contra o comportamento, a membresia tende a não aceitar, mas não bater de frente também, as coisas acontecem por fora.

**PESQUISADOR: Sobre a relação da política interna das lideranças, as pessoas ainda aceitam?**

ENTREVISTADO: A maioria já é contra, mas não falam. E se a igreja não mudar, as pessoas vão cansar e sair, as lideranças precisam ver isso. Cada um tem um pensamento, antigamente todo mundo seguia o que o pastor falava, hoje cada canto tem uma igreja diferente, a pessoa só sai.

**PESQUISADOR: Você acredita que as pessoas levam em consideração mais a individualidade do que a organização em grupo?**

ENTREVISTADO: Sim

**PESQUISADOR: Você é a favor de candidaturas evangélicas?**

ENTREVISTADO: Sim.

**PESQUISADOR: A igreja institucionalmente deve apoiar essas candidaturas?**

ENTREVISTADO: Sim, porque se não acontecer isso, não vão ser eleitos os evangélicos, é como os professores e policiais que se juntam para eleger um representante de classe.

**PESQUISADOR: Mas se a liderança apoiar essa candidatura não voltamos à crítica que você fez?**

ENTREVISTADO: Mas digo que isso deve partir do meio das pessoas e não como imposição da liderança, essas candidaturas devem ser levantadas pela membresia.

**PESQUISADOR: Qual a importância da presença evangélica na política, como grupo e como representação?**

ENTREVISTADO: Porque nossas liberdades e manifestações devem ser preservadas, a família deve ser protegida e nossos princípios.

**PESQUISADOR: Seria a defesa do espaço de manifestação apenas ou você entende que deveria haver um avanço que aplicasse essas condições à sociedade?**

ENTREVISTADO: Seria para evitar que invadam os nossos espaços.

**PESQUISADOR: Você acha que existe limite nessa defesa, ou a igreja deve sempre avançar ao máximo?**

ENTREVISTADO: Deve haver limite até para a igreja, porque tem o direito do próximo que deve ser respeitado.

**PESQUISADOR: Você conseguiria definir esse limite?**

ENTREVISTADO: Eu acho que a gente não está aqui para isso, estamos em função



do reino e precisamos nos preservar a isso, então tem coisas que a igreja não deve intervir. Não é defendendo as pautas progressistas, mas o outro pode fazer o que quiser no espaço dele, desde que não obrigue a igreja a nada e nem invada nosso espaço, por isso é só uma defesa. Então o limite é a defesa do espaço evangélico, não devemos impor nada a ninguém.

**PESQUISADOR: O que você considera primordial observar em um candidato para que ele receba seu voto?**

ENTREVISTADO: Para mim ele tem que priorizar as bandeiras da família cristã, se ele fala qualquer coisa contrária a isso, perde meu voto.

**PESQUISADOR: Um candidato precisa ser evangélico para receber seu voto?**

ENTREVISTADO: Não precisa, desde que se mostre competente. Desde que não contrarie meus princípios e os princípios cristãos, eu votaria sim em uma pessoa de outras religiões.

**PESQUISADOR: A atuação política está acima dos princípios?**

ENTREVISTADO: O princípio cristão é mais relevante, especialmente a nível estadual e federal em que temos mais opções.

**PESQUISADOR: O seu voto leva em consideração mais a sua individualidade ou o pertencimento ao grupo?**

ENTREVISTADO: Acho que as duas coisas, mas com certeza deve ter influência por ser evangélica.

**PESQUISADOR: Você acredita que os demais devam pensar como grupo?**

ENTREVISTADO: Sim, a igreja deve pensar como um grupo, isso é o que faz sentido.

**PESQUISADOR: Então o voto deveria ser uniforme?**

ENTREVISTADO: Sim, as pessoas deveriam seguir a mesma ideia.

**PESQUISADOR: Então a lógica de estar inserida no grupo sobrepõe à individualidade da pessoa?**

ENTREVISTADO: Sim.

**PESQUISADOR: Você votaria em um candidato em razão das suas relações na igreja ou indicação da liderança?**

ENTREVISTADO: Votaria.

**PESQUISADOR: E deixaria de votar pela contraindicação?**

ENTREVISTADO: Não.

**6 - Jamerson - Homem - 47  
anos – Policial Militar – Líder  
de jovens.**

**PESQUISADOR: Você exerce alguma atividade interna na igreja?**

ENTREVISTADO: Sim, sou líder de jovens no ministério de Madureira.

**PESQUISADOR: Saberria me dizer a quantidade de jovens são liderados por você?**

ENTREVISTADO: 200 na minha igreja e 800 no campo de Madureira.

**PESQUISADOR: Como você enxerga a política?**

ENTREVISTADO: Considero importante, é uma das bases da sociedade, mas tenho ressalvas, a política tem que ter pessoas capacitadas, tem que ter pessoas específicas, como toda profissão.

**PESQUISADOR: Você conseguiria definir essa qualificação?**

ENTREVISTADO: A própria evolução das instituições, porque hoje está viciado, tem muito favoritismo, muito grupo se fortalecendo do Estado, a democracia é um grupo grande que escolhe um grupo pequeno, então assim, eu acho que tem que ser dessa forma, não pode ter interesse particular como a gente vê sempre, mesmo que a pessoa preza por pautas minoritárias, tem que ser mais coletivo, quanto mais democrático for, é melhor, não acho perfeito, mas é o ideal.

**PESQUISADOR: Está viciada a forma como as pessoas são escolhidas para representar?**

ENTREVISTADO: Isso, por exemplo, o professor vai lá e elege um professor só para a classe dele, o homossexual só pela classe dele, o policial só pela classe dele.

**PESQUISADOR: Então você é contra a política de classe?**

ENTREVISTADO: Exatamente, eu sou contra isso, acho que deveria ter pessoas qualificadas para representar o Estado coletivamente, aquilo que está na sociedade. Acredito que tem princípios e pilares básicos na sociedade, tem que ser pauta como família, que envolve todo mundo, porque todo mundo tem família, essa para mim é a primeira pauta.

**PESQUISADOR: Como você definiria suas prioridades políticas?**

ENTREVISTADO: Os pilares do Estado, saúde, segurança, educação, os princípios constitucionais. Independentemente de ser igreja, família e Estado acho que tem princípios que une todas essas 3 coisas, e para mim se essa pessoa tivesse talento para unir essas 3 áreas, para mim seria ideal. Um bom líder começa dentro de casa, como ele lida com a família, já é para mim um indício que será um bom político.

**PESQUISADOR: Você sendo contra a política de classe, acredita que a organização evangélica para eleger candidatos, configura essa política?**

ENTREVISTADO: Depende, depende de como a igreja e a pessoa se organizam para isso, se colocar a questão da igreja em si, somente a igreja, não acho que seja bom. Acho que a pessoa precisa ser um político antes de tudo.

**PESQUISADOR: Nesse caso, não bastaria escolher um candidato da igreja?**

ENTREVISTADO: Não mesmo, não basta ser indicado, não concordo com isso, a pessoa tem que ser qualificada, e conciliar a atuação política dele com a religião, a igreja não

pode ser prioridade.

**PESQUISADOR: A representação religiosa em si não qualifica o candidato a ser votado nesse caso?**

ENTREVISTADO: Se essa representação for em função somente da igreja, não acho bom não.

**PESQUISADOR: Você acredita que os evangélicos devam ter um posicionamento político definido? E quais seriam as bases desse posicionamento?**

ENTREVISTADO: Os mesmos do Estado, a família e os princípios fundamentais da constituição, os direitos individuais, a liberdade, a segurança, acesso à educação e saúde, esses pilares que eu disse. Transporte também é uma pauta fundamental.

**PESQUISADOR: Isso estaria acima da representação religiosa?**

ENTREVISTADO: Estaria.

**PESQUISADOR: Como você enxerga a relação da igreja com a política?**

ENTREVISTADO: Se forem respeitados os parâmetros, eu acho bom, existem pessoas qualificadas na igreja, com talento de Deus para isso, mas precisa saber se portar, tanto o candidato quanto a igreja. A igreja não pode se envolver diretamente com isso, a igreja tem um papel nesse pilar da sociedade, mas em terceira dimensão, digamos assim, essa não pode ser a prioridade da igreja. O candidato pode ser evangélico.

**PESQUISADOR: A igreja como instituição não deveria interferir?**

ENTREVISTADO: Não diretamente.

**PESQUISADOR: Deveria apoiar?**

ENTREVISTADO: Deveria apoiar, esclarecer, e até indicar, mas não colocar isso como missão ou objetivo da igreja, a política é do Estado, não pode misturar as coisas.

**PESQUISADOR: A igreja não deveria ter interesse político?**

ENTREVISTADO: Como interesse final, não. Pode participar até para fortalecer seus direitos, mas essa não pode virar a missão.

**PESQUISADOR: Qual a importância da presença evangélica na política como grupo e como representação?**

ENTREVISTADO: É mais um grupo de pessoas que pode ser representado, essas pessoas têm para mim, um algo a mais.

**PESQUISADOR: Como você enxerga esses espectros políticos de direita e esquerda?**

ENTREVISTADO: Acho que se preocupam muito em brigar e todo mundo coloca seus interesses acima do povo, acaba que existe um interesse particular que sobrepõe à sociedade.

**PESQUISADOR: O povo está sub representado por conta desse conflito?**

ENTREVISTADO: Sim, porque as pessoas assumem o poder e não pensam nas pessoas, de forma alguma, é só ver os hospitais como estão e dá para arrumar, você vê que

Cuba que possui menos recursos, tem uma saúde melhor que a nossa.

**PESQUISADOR: Você atribui essas falhas ao quê?**

ENTREVISTADO: Aos interesses pessoais dos políticos, os políticos pensam nas famílias deles, não é na nossa não. A família que está para servir o Estado e não o Estado a família. O que a gente vê é idolatria ao presidente, idolatria ditatorial, coloca os familiares ali, por puro interesse da família, isso é triste.

**PESQUISADOR: E qual papel da igreja nisso?**

ENTREVISTADO: A igreja tem o papel de educar os seus eleitores, participar organizadamente para o bem da sociedade e não por benefícios políticos, tem que ver as pautas que a sociedade padece, porque todo mundo tem a carência do Estado. E por mais que a igreja tenha os vícios, ainda é um grupo com capacidade de mobilização, não é a ideal, mas tem.

**PESQUISADOR: Você considera o favorecimento mesmo que seja à igreja, errado?**

ENTREVISTADO: Considero.

**PESQUISADOR: Em relação à defesa das famílias, o Bolsonaro foi o candidato que carregou essa bandeira e foi o mais votado entre os evangélicos, você entende que essa representação ocorre?**

ENTREVISTADO: Não, a gente não evoluiu nesse sentido, foi apenas um voto de desespero. As pessoas ainda veem a política com maus olhos na igreja, então não temos candidatos fortes, no desespero caímos no mesmo erro de votar em alguém despreparado. Entretanto, ainda acho que seja possível escolher pessoas melhores para os cristãos.

**PESQUISADOR: O que você acha que falta para isso acontecer?**

ENTREVISTADO: O esclarecimento das pessoas, a verdade né? Não esperar as tragédias acontecerem para despertar para isso, mas isso é difícil acontecer. Não pode esperar que todo mundo sofra para despertar, as pessoas já sofrem muito.

**PESQUISADOR: Então você acredita que é necessário pensar nos menos favorecidos?**

ENTREVISTADO: Com certeza. Até porque essas pessoas também têm poucas oportunidades e são muito talentosas, poxa.

**PESQUISADOR: O que é mais importante observar em um candidato para que ele receba seu voto?**

ENTREVISTADO: Para mim a religião é importante, embora não seja o determinante e a família.

**PESQUISADOR: Você votaria em uma pessoa de religião diferente?**

ENTREVISTADO: Sim, se eu tiver um candidato que seja bom e evangélico, ele tem preferência, mas religião não é empecilho.

**PESQUISADOR: E caso essa pessoa possua pautas progressistas?**

ENTREVISTADO: Aí já acho que não, mas não é decisivo não.

**PESQUISADOR: Em uma situação de conflito entre um candidato evangélico não tão preparado e um não evangélico bem preparado?**

ENTREVISTADO: Votaria no não evangélico.

**PESQUISADOR: E havendo pautas progressistas no escopo?**

ENTREVISTADO: Votaria no candidato evangélico.

**PESQUISADOR: Pela defesa dos princípios?**

ENTREVISTADO: Exato.

**PESQUISADOR: Você votaria em alguém em razão das suas relações ou liderança na igreja?**

ENTREVISTADO: Votaria

**PESQUISADOR: Deixaria de votar em razão da não recomendação dos mesmos?**

ENTREVISTADO: Acho que sim.

**PESQUISADOR: A igreja deve se organizar para eleger um candidato mesmo não acreditando na política de classe?**

ENTREVISTADO: Sim, porque hoje faz-se necessário e na igreja tem pessoas preparadas. Mas se sentir que as coisas estão se misturando, Estado e igreja, sou contra.

**PESQUISADOR: E qual seria o limite dessa relação?**

ENTREVISTADO: Seria a separação das coisas de Deus das do Estado, a igreja tem as suas próprias pautas, a igreja tem ação social, mas ela tem papel espiritual, ela não precisa estar atuando institucionalmente na política.

**PESQUISADOR: Você acredita que a atuação da igreja deve respeitar o espaço do outro ou deve alcançar todos os espaços possíveis?**

ENTREVISTADO: Tem que respeitar o espaço do outro e tem de ser um respeito mútuo, não obrigando ou privando a igreja de algo, não precisa se meter em nada, mas hoje estão ultrapassando ambos esses espaços, mas por falta de gente preparada, o Estado tem invadido mais nosso espaço.

**PESQUISADOR: O senhor acha que a igreja está sendo ameaçada?**

ENTREVISTADO: Sim.

**PESQUISADOR: E de que modo?**

ENTREVISTADO: Acho que tentam impor, uma minoria tenta impor as suas bandeiras à maioria, seja pauta de homossexualismo, de drogado, eu sou radical nisso, acho que não pode acontecer.

**PESQUISADOR: Você acha que a atuação evangélica deve frear o avanço dessas pautas então?**

ENTREVISTADO: Sim, porque passamos por dois momentos, primeiro de não participar e ficar refém e agora precisamos atuar para defender o que acreditamos.

**PESQUISADOR: O senhor considera a atuação em prol de pautas progressistas como**

**liberdade?**

ENTREVISTADO: Não, acho que é impositivo, é uma espécie de ditadura intelectual, porque tem muita gente preparada, e eles vão impondo aos poucos.

**PESQUISADOR: O senhor acha que a igreja está sendo privada?**

ENTREVISTADO: Ainda não, mas aos poucos está acontecendo, é tímido, mas tem a tentativa.

**PESQUISADOR: O espaço da igreja tem sido minado politicamente?**

ENTREVISTADO: Não, é muito forte né?

**PESQUISADOR: Isso em razão da organização dos membros?**

ENTREVISTADO: Sim, a gente vê que nas próprias eleições foi o que decidiu né, os cristãos mesmo que estavam incomodados e se sentiram afrontados, então tirou do poder e colocou outro.

**PESQUISADOR: Afrontados como?**

ENTREVISTADO: Usando o Estado para frear a igreja, para legalmente mesmo tentar calar a igreja.

**7 - Jair - Homem - 40 anos –  
Operador de Maquinário.**

**PESQUISADOR: O que você entende por política?**

ENTREVISTADO: Entendo como uma participação do cidadão na sociedade.

**PESQUISADOR: Você acha suficiente?**

ENTREVISTADO: Deveria ser diária essa participação, com acompanhamento e etc.

**PESQUISADOR: E como você enxerga a política?**

ENTREVISTADO: Vejo como necessária, mas muita gente já não confia nos políticos né, não tem credibilidade?

**PESQUISADOR: Você confia?**

ENTREVISTADO: Não.

**PESQUISADOR: Por que não confia?**

ENTREVISTADO: Porque colocam os interesses pessoais à frente.

**PESQUISADOR: Você consegue definir seu posicionamento político?**

ENTREVISTADO: Não.

**PESQUISADOR: O que você considera mais importante na política?**

ENTREVISTADO: Transparência.

**PESQUISADOR: Se pudesse estabelecer prioridades para a política, quais seriam?**

ENTREVISTADO: Prestação de contas e transparência.

**PESQUISADOR: Por quê?**

ENTREVISTADO: Porque dessa forma podemos ver como nossos impostos estão sendo aplicados.

**PESQUISADOR: Você acredita que os evangélicos devam ter uma posição política definida?**

ENTREVISTADO: Sim.

**PESQUISADOR: Quais critérios devem definir este posicionamento?**

ENTREVISTADO: O credo religioso e a família.

**PESQUISADOR: Como você enxerga a relação da igreja com a política?**

ENTREVISTADO: Infelizmente está muito ligado a interesses pessoais e não da religião.

**PESQUISADOR: Você acha que tem sido prejudicial?**

ENTREVISTADO: Para o evangelho?

**PESQUISADOR: Isso**

ENTREVISTADO: Está.

**PESQUISADOR: Você é a favor de candidaturas evangélicas?**

ENTREVISTADO: Para falar a verdade, não.

**PESQUISADOR: Evangélicos não deveriam estar na política?**

ENTREVISTADO: Até que deveria, estou me contradizendo, mas é que tem muita coisa contra a família hoje, nas coisas que estão sendo votadas etc., então deveria ter sim.

**PESQUISADOR: Então hoje é necessário?**

ENTREVISTADO: Sim, pela necessidade.

**PESQUISADOR: Você as apoia?**

ENTREVISTADO: Sim.

**PESQUISADOR: igreja como instituição deve apoiar?**

ENTREVISTADO: Sim.

**PESQUISADOR: Deve participar?**

ENTREVISTADO: Não deve induzir, no sentido de influenciar as pessoas.

**PESQUISADOR: Você acha que isso acontece?**

ENTREVISTADO: Muito.

**PESQUISADOR: Qual a importância da presença evangélica na política?**

ENTREVISTADO: Para fazer mais forte a voz cristã na sociedade.

**PESQUISADOR: Para defender os princípios evangélicos?**

ENTREVISTADO: Para criar a sensibilidade na sociedade também, voltada para família, para humanidade, manter os valores cristãos na sociedade.

**PESQUISADOR: A capacidade de influenciar a sociedade?**

ENTREVISTADO: Isso.

**PESQUISADOR: Você sente seus valores ameaçados na política?**

ENTREVISTADO: Sim.

PESQUISADOR: **A família, ou outros valores?**

ENTREVISTADO: Outros também.

PESQUISADOR: **A atuação da igreja na política deve respeitar algum limite, ou deve ocupar todos os espaços inclusive no que diz respeito às outras pessoas?**

ENTREVISTADO: Deve respeitar o espaço de outras pessoas.

PESQUISADOR: **Deve se reservar à defesa dos direitos evangélicos apenas?**

ENTREVISTADO: Isso.

PESQUISADOR: **Possui preferência política em relação a algum espectro político?**

ENTREVISTADO: Acho que direita.

PESQUISADOR: **Por quê?**

ENTREVISTADO: Eu sou leigo em relação à política, mas acho que a esquerda vai contra aos valores cristãos.

PESQUISADOR: **A direita defende esses valores?**

ENTREVISTADO: Me sinto menos ameaçado somente.

PESQUISADOR: **Deveria haver essa defesa?**

ENTREVISTADO: Deveria haver a defesa.

PESQUISADOR: **Existem políticos que defendem esses valores?**

ENTREVISTADO: A grande maioria não, são poucos, mas tem alguns que sim.

PESQUISADOR: **O que é mais importante observar em um candidato para que ele receba seu apoio e voto?**

ENTREVISTADO: Eu vou pelo conhecimento, tenho que conhecer os valores dele, as associações políticas, porque muitas vezes você vota em um candidato, mas ele precisa formar alianças né? Tem que observar com quem ele se coliga.

PESQUISADOR: **Você votaria em um candidato que não defendesse a família tradicional?**

ENTREVISTADO: Eu conhecendo esse candidato... depende de boas propostas, desde que não deturpe a família, eu votaria.

PESQUISADOR: **Um candidato que vá contra esses valores, você nem pensaria em votar?**

ENTREVISTADO: Não.

PESQUISADOR: **Você votaria em um candidato em razão das relações da igreja ou das lideranças?**

ENTREVISTADO: Já fiz, mas hoje não.

PESQUISADOR: **Deixaria de votar em razão da não aprovação dos mesmos?**

ENTREVISTADO: Não.

PESQUISADOR: **Já se sentiu sugestionado em seu voto pela igreja?**

ENTREVISTADO: Já.



**PESQUISADOR: Como você analisa essa influência?**

ENTREVISTADO: Muito forte.

**PESQUISADOR: Há manipulação nos apoios às candidaturas dos líderes da igreja?**

ENTREVISTADO: Há sim.

**PESQUISADOR: Há a transparência que você deseja na política?**

ENTREVISTADO: De maneira alguma.

### **8 - Murilo - Homem - 26 anos**

**– Advogado.**

**PESQUISADOR: O que você entende por política?**

ENTREVISTADO: Entendo como um mecanismo de organização estatal que tem como objetivo promover a organização do estado por meio de normas reguladoras e através delas, ter um estado dividido e organizado onde os cidadãos daquela geolocalização sigam essas regras e as pessoas que promovem essas diretrizes são os políticos, eles que detém o poder normativo do Estado para replicar aos cidadãos aquilo que eles decidem.

**PESQUISADOR: E como você enxerga a política na prática?**

ENTREVISTADO: Entendo a política como algo necessário e indispensável para a convivência na sociedade porque uma vez que você tem política, você tem diretrizes e uma sociedade organizada, caso contrário voltamos ao estado natural do homem, onde cada um faz o que quiser. Mas a ponderação que eu faço é que a política foge um pouco daquilo que ela é para ser, que hoje não tem bem comum, hoje prevalece as vontades individuais ou de grupos poderosos que se inserem na política a fim de levar vantagem.

**PESQUISADOR: Você conseguiria definir sua posição política?**

ENTREVISTADO: A minha linha de posicionamento político é o conservadorismo, de direita. Mas eu defendo direitos básicos como a liberdade, dentro dos limites estabelecidos constitucionalmente, bem como direito de ir e vir, expressão, direitos coletivos mesmo.

**PESQUISADOR: Por quais razões você acredita ser essa a posição mais adequada?**

ENTREVISTADO: Pelos meus valores pessoais, primeiramente. Acho uma linha de pensamento tranquila de ser seguida porque nós crescemos com ela, com os valores intrínsecos às famílias, então nascemos e crescemos com esses valores sendo pregados em casa, isso transmitindo para a política acho um segmento correto, até mesmo pensando na coletividade, claro que há mutações nas famílias e na sociedade que fogem um pouco desse conservadorismo que a gente pensa hoje em dia, mas eu falo de conservadorismo político mesmo, uma vez que você preserva, você vê que pode ser bom, e até mesmo pelos meus valores pessoais e religiosos.

**PESQUISADOR: Então a sua posição política carrega os princípios cristãos?**

ENTREVISTADO: Sim.

**PESQUISADOR: Todo evangélico deve pensar assim?**

ENTREVISTADO: Sim, é o mais coerente.

**PESQUISADOR: Como você enxerga a relação da igreja com a política?**

ENTREVISTADO: Bom, mas perigoso. É bom porque quando você insere a religião na política, e para mim, não pode ser separado uma coisa da outra porque está inserido dentro da sociedade, é um grupo dentro da coletividade, estamos todos debaixo das normas e da constituição elaborada pela política, não tem como se separar disso. A partir do momento que você está na política tem a capacidade de ser representado politicamente para defender os seus interesses, mas claro, não se sobrepondo à coletividade, que não prejudique os outros, mas que favoreça a questão religiosa porque se você não tem representação, você não tem voz. Em relação ao perigo, é porque quando você representa uma denominação religiosa, você não pode defender só isso, você pode ser favorável e defender esse meio religioso, como a isenção de impostos né? Mas é perigoso querer colocar uma visão pessoal na política para favorecer seu grupo e isso é errado porque estamos no coletivo, não pode diminuir a coletividade para que seu grupo religioso que é uma minoria dentro desse todo se sobreponha.

**PESQUISADOR: Quando você fala dessa sobreposição você fala da liberdade dos demais?**

ENTREVISTADO: Exato.

**PESQUISADOR: Essa relação deveria se limitar à defesa do interesse e dos direitos do grupo?**

ENTREVISTADO: Sempre, sem diminuir os direitos dos outros grupos, por exemplo.

**PESQUISADOR: Você é a favor das candidaturas evangélicas?**

ENTREVISTADO: Sim.

**PESQUISADOR: Como instituição a igreja deve apoiá-las?**

ENTREVISTADO: Sim.

**PESQUISADOR: Como alguém que se identifica sendo de direita, o que você entende por esquerda?**

ENTREVISTADO: Eu entendo a direita como a linha conservadora, aquelas questões éticas e morais que a gente já cresceu aprendendo, uma linha de pensamento mais voltada para a família tradicional, porque hoje temos vários modelos de família, está associado a isso, para esse tipo de público. A esquerda eu já entendo como algo que vai contra o conservadorismo, ela adota políticas e pensamentos diferentes do grupo de direita, já tentam abranger e abraçar políticas voltadas para atualidade, para minorias que vão surgindo né, sei que tem um cunho de pensamento progressista.

**PESQUISADOR: E você possui críticas ao comportamento político da esquerda ou considera essa política dentro da normalidade?**

ENTREVISTADO: No Estado democrático de direito, eu não me permito ter essa

aversão à oposição do meu pensamento, é necessário ter, o conflito de ideias é importante e tudo tem seus lados positivos, porém como eu disse, se eu fosse colocar uma crítica à oposição daquilo que eu acredito no meio político, eu colocaria que hoje está ocorrendo uma tentativa de abafar ou diminuir o lado conservador da direita por achar que o conservadorismo quer acabar com a questão das minorias. Infelizmente isso reflete muito também por causa do presidente, que todo mundo acha que ele é à direita. Mas se eu fosse ponderar algo, seria essa questão de querer se sobrepor aos demais pensamentos.

**PESQUISADOR: Você se sente ameaçado por essa política progressista?**

ENTREVISTADO: Eu vou dizer que sim.

**PESQUISADOR: Você acha que essa sobreposição já ocorre politicamente? Por exemplo, acredita que há na educação uma cartilha progressista que influencia as crianças?**

ENTREVISTADO: Sim, acredito veementemente nisso, colocando minha opinião, infelizmente eu vejo isso acontecendo, mas acontece dos dois lados, os evangélicos também querem sobrepor aos demais grupos e limitar os direitos dos outros. Não é que eu seja também contra minorias, de nenhuma forma, mas na política e na sociedade, a parte que não é conservadora, eles caminham para um lugar em que você escolher ser conservador já é errado, ofensivo e preconceituoso, e não é isso, é só uma escolha como a deles, cada um tem o seu espaço e seu respeito. Não estou falando que não devem ter direitos, mas o estado não pode forçar isso às pessoas nem influenciar de forma velada favorecendo uma ideologia assim.

**PESQUISADOR: O que você considera mais importante observar para que alguém receba seu apoio e seu voto?**

ENTREVISTADO: Adotar a linha de pensamento que eu sigo, primeiramente tem que pensar na coletividade, no país, tem que ser bom para o povo, é o básico do básico, não acho que por ser evangélico a pessoa só deva ter campanha e projeto para esse público porque eu estaria me contradizendo. O que eu acho é que deve constar no seu plano, algo nessa linha, mas se for totalmente oposto ao que eu acredito, já perdeu meu voto, não precisa ser tudo voltado para cristão, tem que ter equilíbrio, tem que garantir os direitos de todos, tem que apoiar as minorias, mas não pode prejudicar os cristãos.

**PESQUISADOR: Você votaria em um candidato que não é cristão?**

ENTREVISTADO: Votaria.

**PESQUISADOR: E alguém favorável a pautas progressistas?**

ENTREVISTADO: Mas como seriam essas propostas?

**PESQUISADOR: Vamos supor que seja legalização das drogas e do aborto.**

ENTREVISTADO: Não votaria.

**PESQUISADOR: Você votaria em alguém em razão da indicação das suas relações ou lideranças da igreja?**

ENTREVISTADO: Somente por isso não, tem que ter um motivo para isso.

**PESQUISADOR: Você já se sentiu sugestionado nessas relações?**

ENTREVISTADO: Sim, mas levando em consideração os projetos, porque eu sou cidadão também.

**PESQUISADOR: Você costuma votar em candidatos da igreja ou de fora?**

ENTREVISTADO: Eu procuro candidatos fora da igreja também, mas que tenham pautas que abranjam todos, que sejam compatíveis com o que eu penso. Mas não é porque não é da igreja que não pode promover boas pautas

**PESQUISADOR: Deixaria de votar por conta da não indicação dessas relações ou da liderança?**

ENTREVISTADO: Não.

**9 - Osvaldo - Homem - 43  
anos – Mecânico - Pastor –  
candidato 2 vezes à Câmara  
Legislativa do Distrito  
Federal.**

**PESQUISADOR: O que você entende por política?**

ENTREVISTADO: Entendo a política como um facilitador de mecanismos que desenvolva soluções sociais, vejo como a maior arma que a sociedade tem de igualar a condição social das pessoas e dar a todas elas, independente de escalas sociais, respostas aos anseios básicos das pessoas, é por meio dela que as leis são criadas para proteger todas as pessoas e fazer com o que o Estado seja o guardião dessas condições e dessas pessoas que conferem a ela as suas garantias.

**PESQUISADOR: E como você enxerga isso na prática? Existe alguma lacuna entre o que você entende e como você enxerga a política atualmente?**

ENTREVISTADO: Eu acho que a política independente de partidos, ideologias e debates infundáveis, cumpre o seu papel. Claro, há ideais a serem compartilhados e isso pode se tornar utópico, porque existe uma variedade muito grande de públicos. Mas a política em si, cumpre o seu papel, o que eu acho é que a execução de políticas se confunde com a política em si e isso gera insatisfação. E entre a edição de uma lei, ou a criação de uma política pública existe uma diferença e por vezes somos frustrados em perceber que longos debates que são anseios da população, na hora da execução e prática, não se observa tanto empenho e fiscalização no cumprimento dessas políticas.

**PESQUISADOR: Como você enxerga a relação da igreja com a política?**

ENTREVISTADO: Sou um cristão de formação e de nascimento, venho de um meio em que a igreja demorou muito para se envolver na política e depois de muitos anos sem

achar que a política era importante para nós, por conta de prioridades e anseios espirituais, entendia-se a política como coisa desse mundo, que passa. Eu entendo que a igreja deveria há muito ter participado da política, mas tenho a insatisfação de ver que depois de tanto tempo a igreja entra na política totalmente enviesada, distante da melhor forma de contribuição como cristãos. Se a política é esse lugar considerado sem ética, sem espúrios, sem sentimento, quem melhor para mudar esse ambiente do que uma mente cristã? Deveria ser o pensamento, mas quando entramos no campo político envolvidos pela ânsia de poder, pelo fundamentalismo, buscando que a religiosidade toque o país, estamos atrapalhando o processo e não contribuindo para a política. Então o cristão ele deve ter como base um pensamento altruísta, equilibrado e que busque equidade, aliás todo político deve ter um pensamento altruísta, isso é necessário para que se dê continuidade a boas políticas, não se promova projeto de poder, nem de perpetuação, não se pode achar que é dono da política, somos apenas ferramentas políticas. Eu vejo que os evangélicos entraram na política com esse pensamento de não permitir que outros grupos avancem politicamente, então não temos agregado até esse momento nada politicamente, porque tem sido muito mais uma visão fundamentalista e religiosa, em vez de uma visão centrada em Cristo que embora muitos não queiram ver, foi o maior socialista que existiu.

**PESQUISADOR: Você consegue definir seu posicionamento político e as bases do seu pensamento?**

ENTREVISTADO: Eu me considero de centro-esquerda. Eu acredito que a política deva trazer às pessoas mais vulneráveis, a proteção e presença estatal. A redução das desigualdades também é algo a ser combatido, todas as pessoas devem ter acesso de maneira igualitária àquilo que é hoje privado a alguns. Os serviços públicos devem ser aprimorados a fim de que se estabeleça um padrão menos desigual em relação àqueles que podem suprir as carências do Estado com um serviço particular, por exemplo. Mas eu almejo uma nação independente economicamente também, eu penso em um Estado capaz de dar respostas às questões econômicas de modo a satisfazer a necessidade do trabalhador, mas também de fomentar a geração de empregos, o empreendedorismo e os anseios do empresariado. Acho que é necessária também uma revisão da carga tributária, não sei se o imposto único pode ser a solução, mas a insatisfação das pessoas com as variadas formas e a intensa carga tributária é algo a ser visto, não podemos desestimular ou estimular uma evasão de divisas, ou a sensação de que é melhor burlar os mecanismos legais. A economia é como uma engrenagem, as pessoas precisam de emprego, para que as pessoas consumam nos comércios locais, no prestador de serviço no bairro, que compra no mercadinho da rua e assim por diante. Então eu diria que é reduzir as desigualdades, fortalecer a economia e oferecer uma educação que seja eficiente e que supra a necessidade educacional dos nossos estudantes.

**PESQUISADOR: Você acredita que os evangélicos como grupo político, devam ter uma**

**posição definida? E quais seriam os critérios para definir essa posição?**

ENTREVISTADO: Essa atuação política deve ser simples, é encontrar os meios de disputar eleitoralmente os espaços públicos e desenvolver a capacidade política do cristão como um cidadão político. Se a atuação for reduzida a falar que crê em Jesus, levar bíblia para o plenário e vociferar frases fundamentalistas, eu abro mão da atuação evangélica.

**PESQUISADOR: E como essa atuação deve ser pautada coletivamente?**

ENTREVISTADO: Eu não sou a favor de que os cristãos se unam em bancadas para definir políticas que reflitam a sua religiosidade.

**PESQUISADOR: E como grupo político autônomo, dentro da sociedade?**

ENTREVISTADO: A igreja deve se organizar politicamente para ter representantes com o pensamento de desenvolver os projetos diretamente ligados à necessidade da sociedade e que esse grupo cobre a alocação de recursos e desenvolvimento desses projetos para a coletividade. A sociedade cristã deve se envolver politicamente para eleger representantes. Mais do que isso eu não entendo como benéfico.

**PESQUISADOR: Então não acredita na união evangélica em protesto, por exemplo?**

ENTREVISTADO: Não, porque toda junção desse tipo, vai ser naturalmente fundamentalista e religiosa, isso não é política, porque vão sempre exigir atuação religiosa do Estado e o Estado não tem religião própria.

**PESQUISADOR: Então porque levar princípios cristãos para a política?**

ENTREVISTADO: Não se pode exigir que o estado se comporte religiosamente, como eu disse, entramos na política enviesados, espero que o cristão amadureça e leve para a política o desejo de ajudar o próximo e sentimentos altruístas, quando isso acontecer, será benéfico.

**PESQUISADOR: Então o limite da atuação evangélica na política se limita à liberdade de outras pessoas?**

ENTREVISTADO: Claro, se o exercício da fé for cercear o exercício da liberdade de alguém, que fé se tem? A transformação vem da fé não da obrigação.

**PESQUISADOR: Acredita que os evangélicos têm ultrapassado esse limite?**

ENTREVISTADO: Claro.

**PESQUISADOR: O contrário também tem acontecido?**

ENTREVISTADO: Também existe, e talvez por isso os cristãos se sintam tão motivados a participar da política agora e entraram nela tão enviesados, se sentiram invadidos e entraram numa guerra louca. Mas quando o sangue esfriar, digamos assim, vão ver que é desnecessário.

**PESQUISADOR: Você como cristão e defensor da família tradicional e dos demais valores cristãos, se sente ameaçado politicamente?**

ENTREVISTADO: Acredito que esteja ameaçado por todos os grupos, e ainda mais

pelo grupo cristão que tem banalizado o evangelho para alcançar qualquer tipo de objetivo político e eleitoral. Essa inversão diminui a capacidade de transformação e credibilidade do evangelho.

**PESQUISADOR: A visão distorcida da religião que essas pessoas na política têm trazido, ela acontece de forma natural ou por interesse elas invertem esses valores?**

ENTREVISTADO: De forma geral, em porcentagem, a maioria entra na política se utilizando do sentimento fragilizado do cristão em relação aos outros grupos que estão organizados e eles sentem que essa organização vai lhes retirar a capacidade de exercer a liberdade de culto fé e expressão.

**PESQUISADOR: E o quanto você acha que a atuação evangélica é pautada por essa lógica de defesa?**

ENTREVISTADO: 100%.

**PESQUISADOR: Você acredita que a igreja deve apoiar institucionalmente as candidaturas evangélicas?**

ENTREVISTADO: Sim, é uma ferramenta, o eleitorado desses possíveis representantes está lá, então é uma estratégia que não tem lógica dispensar. Mas acho que as instituições devem orientar os seus eleitores, não deve haver uma defesa arbitrária de candidaturas próprias, ou melhor, nenhuma. Deve-se preparar o cristão para a política apenas. Deveria ser a orientação de pensar no próximo, mesmo na política e desejar que pessoas que conversem com esses ideais cristãos, do que Jesus ensinou mesmo, e depois, levar isso para a política.

**PESQUISADOR: Pensando no comportamento das igrejas, isso tem acontecido?**

ENTREVISTADO: De maneira alguma.

**PESQUISADOR: Tem havido distorções?**

ENTREVISTADO: As igrejas maiores que sabem que podem eleger alguém caso gerem esse sentimento de obrigatoriedade nos seus membros, elas atendem a essa necessidade institucional, já vai tudo casado, as candidaturas já nascem para defesa da instituição e não da fé cristã.

**PESQUISADOR: O que você considera mais importante observar em um candidato para que ele receba seu apoio ou voto?**

ENTREVISTADO: Perceber nele, por meio dos trabalhos já realizados e da sua postura, o interesse em defender aquilo que eu considero importante na política. Seria um candidato que não tenha interesse em fazer da política um palanque próprio. Tem que ter capacidade de conversar politicamente, tem que ser um político no sentido mais estrito e amplo da palavra ao mesmo tempo. Aquele que trabalha incansável para elaboração de políticas públicas eficazes, ele precisa ser um canal de audição da voz dos mais necessitados. Eu tento conhecer o candidato de perto, e perceber nele as mesmas intenções que eu tenho

para a política.

**PESQUISADOR: O seu voto considera de alguma forma a sua religião?**

ENTREVISTADO: Sim.

**PESQUISADOR: De que forma?**

ENTREVISTADO: Nos princípios.

**PESQUISADOR: Só votaria em alguém que correspondesse a esses princípios?**

ENTREVISTADO: Não os religiosos, mas os básicos do cristianismo.

**PESQUISADOR: Quais?**

ENTREVISTADO: Respeito e amor ao próximo e também empatia.

**PESQUISADOR: Votaria em um candidato com pautas progressistas?**

ENTREVISTADO: Não, pela quebra de princípio político, assim como não defendo que os evangélicos façam da política um púlpito, não aceito que alguém leve a sua ideologia fundamentalista e perniciosa para a política, seria o contrário do que acredito. Por exemplo, mesmo em projetos bons, um evangélico e um progressista podem obstruir o projeto só por questões pessoais, isso é prejudicial para o avanço da política.

**PESQUISADOR: Então você não acredita na política de classe?**

ENTREVISTADO: Odeio isso e devo pensar que esse é o maior mal da política brasileira, mesmo que eu tivesse um grupo para me eleger, não poderia deixar de pensar na sociedade como um todo.

**PESQUISADOR: E por que acredita na organização evangélica para eleger representantes?**

ENTREVISTADO: Porque a comunidade cristã deve se juntar com pensamento cristão para eleger pessoas que defendem o sentimento cristão de empatia e altruísmo pelo próximo e não religiosamente, esses bons pensamentos não são privilégio e exclusividade do cristão, está na sociedade.

**PESQUISADOR: Você votaria em um candidato em razão da indicação das relações ou lideranças da igreja?**

ENTREVISTADO: Sim, desde que ele representasse o que eu acredito, que fosse um cristão político e não um político cristão.

**PESQUISADOR: Acredita que a igreja deva participar ativamente dessa indicação?**

ENTREVISTADO: Se por motivos justos, sim, mas não institucionalmente, a igreja não pode se valer da indicação para se beneficiar como organização. Eu votaria em um padre, em um espírito e aceitaria também essas indicações, desde que a pessoa tenha o cerne da política na atuação e trabalho prestado.

**PESQUISADOR: Você já se sentiu sugestionado pela igreja?**

ENTREVISTADO: Já sim.

**PESQUISADOR: Qual a intensidade dessa sugestão e a força da sua efetividade?**



ENTREVISTADO: Uma pessoa só pode escapar dessa sugestão se ela tiver um grau de intelectualidade e secularidade um pouco mais incomum.

**PESQUISADOR: Na média ela é muito forte então?**

ENTREVISTADO: A sugestão beira o nível 10.

**PESQUISADOR: Seria a falta de compreensão política que tornaria ela tão efetiva?**

ENTREVISTADO: Sim, porque o mecanismo utilizado é o fundamentalismo e se eu estou em uma agremiação religiosa em que dizem que todos estão contra mim e que vão acabar com a igreja, dizendo que eu preciso levar aqueles fundamentos à política para me defender desses inimigos, é difícil desvencilhar com uma compreensão curta.

**PESQUISADOR: As pessoas têm dificuldade de discernir nessa atuação, a religião da política ou encaram da mesma maneira?**

ENTREVISTADO: Não conseguem separar o sentimento cristão do fundamentalismo religioso e a execução da política, dificilmente separam. Se uma pessoa precisa ter direitos protegidos civilmente como o casamento gay, os evangélicos encaram em geral, como uma ofensa e isso é incabível de pensar. Não dá para imaginar que uma pessoa não possa desfrutar desse direito por conta da sua orientação sexual. O estado tem de ser isonômico, para proteger os direitos de todos, porque hoje a briga é com o homossexual, mas se isso acabasse, amanhã seria contra os católicos, por causa da briga por espaço.

**PESQUISADOR: Você acha que a criação desse inimigo é estratégia política para arregimentar?**

ENTREVISTADO: Puramente. Dados mostram que o movimento LGBT cresce mais com a briga com os cristãos, você pode dizer que eles acordaram, mas não, mas eles também se organizam para se defender e transmitir seus pensamentos, digamos assim, invadir na sociedade um espaço que antes não existia. Antes esses grupos se comportavam apenas como alguém com uma orientação sexual distinta que queria os seus direitos preservados e respeitados, hoje, não basta isso, há uma vontade de doutrinar.

**10 - Alice - Mulher - 22 anos –  
Estudante.**

**PESQUISADOR: O que você entende por política?**

ENTREVISTADO: Difícil, mas eu entendo como o estudo de como governar uma sociedade.

**PESQUISADOR: Seria uma forma de organização da sociedade?**

ENTREVISTADO: Isso, de como ela deve caminhar.

**PESQUISADOR: E como você enxerga isso na prática?**

ENTREVISTADO: Acho que é necessário, não dá para ficar sem, é por meio da

política que estabelecemos regras, mas de forma prática as vezes não dá muito certo, principalmente por causa da corrupção. Mas é aquela coisa, ruim com, e pior sem.

**PESQUISADOR: A corrupção é o mal da política?**

ENTREVISTADO: Pode dizer que sim.

**PESQUISADOR: Você consegue definir seu posicionamento político?**

ENTREVISTADO: Eu não sei como me identifico.

**PESQUISADOR: E quais seriam as suas prioridades na política?**

ENTREVISTADO: As coisas básicas, educação, saúde e economia, oportunidade de trabalho e circulação de renda.

**PESQUISADOR: Você como evangélica, acredita que os evangélicos deveriam ter um posicionamento político definido?**

ENTREVISTADO: Acho que não. De certa forma, uma coisa não tem a ver com a outra, eu não sei porque meu grupo religioso deve ter uma ideologia assim.

**PESQUISADOR: Você acha que a religião e a política deveriam estar separadas?**

ENTREVISTADO: Acho.

**PESQUISADOR: E o que você acha dessa organização política dos evangélicos?**

ENTREVISTADO: Eu não concordo, eu acho que confundem as coisas, a igreja deveria cuidar das coisas da igreja e contribuir socialmente de outras formas na sociedade, mas a política não deveria estar misturada com a igreja.

**PESQUISADOR: Como você enxerga a relação da política com a igreja?**

ENTREVISTADO: Eu não apoio, cada um tem sua opinião e ideologias próprias. Então quando o pastor vai lá no púlpito e fala que a igreja quer um presidente, ou um candidato e seu eu não concordo com esses candidatos que a igreja está indicando? Eu não concordo com isso. E eu acho que a igreja vai para a política por causa dos interesses de quem está à frente.

**PESQUISADOR: Você é a favor das candidaturas evangélicas?**

ENTREVISTADO: Mais não do que sim, como eu te falei o interesse de quem está à frente nem sempre são os que a gente imagina.

**PESQUISADOR: Você acha que a igreja deveria apoiar essas candidaturas institucionalmente falando?**

ENTREVISTADO: Às vezes aparecem pessoas interessantes, mas eu falo baseado na minha igreja, eu já sei como é. Eu fico me perguntando, porque a igreja precisa eleger alguém?

**PESQUISADOR: Você não vê motivo?**

ENTREVISTADO: Talvez não. Não vejo uma razão tão clara.

**PESQUISADOR: O que você entende por esquerda e direita na política?**

ENTREVISTADO: São ideologias políticas, quais as coisas primordiais a serem

tratadas, e cada um tem as suas.

**PESQUISADOR: Como você analisa a participação desses grupos na política?**

ENTREVISTADO: Eu acho que essa polarização não é saudável, nenhum caminho parece bom.

**PESQUISADOR: O que é mais importante observar em um candidato para que ele receba seu apoio?**

ENTREVISTADO: Analisaria as propostas e geralmente eu levo em consideração o nível de formação das pessoas, para mim transmite mais confiança se a pessoa possui um ensino superior, por exemplo.

**PESQUISADOR: Você acredita que grupos específicos devam se unir para eleger seus representantes?**

ENTREVISTADO: Eu acho que sim, menos os evangélicos, porque tem questão de religião, os outros grupos, são profissões, por exemplo, estão na sociedade de forma prática digamos assim, a religião é independente eu acho, como eu disse, não vejo necessidade.

**PESQUISADOR: O seu voto não carrega o aspecto religioso?**

ENTREVISTADO: Boa pergunta.

**PESQUISADOR: Há preferência pelos candidatos da sua religião ou votaria em qualquer pessoa mesmo com pautas progressistas?**

ENTREVISTADO: Votaria em qualquer pessoa dependendo das pautas. Até porque a própria constituição defende as religiões. E eu sei que na sociedade não existe só o meu grupo, tem uma diversidade de pessoas, a política não pode funcionar com base no que eu acredito.

**PESQUISADOR: Você votaria em um candidato em razão da indicação das suas relações na igreja ou das lideranças?**

ENTREVISTADO: Sim.

**PESQUISADOR: Mesmo sendo contra essa prática.**

ENTREVISTADO: É... na verdade o que me incomoda é a liderança da igreja participar assim, impondo e escolhendo candidato só para defender interesses próprios, mas eu aceitaria uma indicação de um amigo.

**PESQUISADOR: E deixaria de votar em razão da conraindicação dessas pessoas?**

ENTREVISTADO: Eu poderia repensar.

**PESQUISADOR: Qual a intensidade dessa sugestão feita na igreja?**

ENTREVISTADO: Eu sou bem influenciável, eu diria que em números, são 70%.

**PESQUISADOR: E no geral?**

ENTREVISTADO: Acho que em certas pessoas, acaba sendo mais forte, aquelas pessoas que estão mais inseridas no contexto da igreja.

**11 - Marcos - Homem - 25  
anos – Estudante.**

**PESQUISADOR: O que você entende por política?**

ENTREVISTADO: Eu entendo como algo na tentativa de organizar as ideias da população e levar isso para o bem maior.

**PESQUISADOR: E como você enxerga isso na prática?**

ENTREVISTADO: Entendo como extremamente necessário até que haja um meio mais transparente e objetivo de organizar as coisas. Mas a gente vê que desde o início, é um sistema fácil de corromper ou de burlar para desviar e perpetuar poder.

**PESQUISADOR: E quais seriam essas lacunas no sistema?**

ENTREVISTADO: Principalmente a transparência dos recursos utilizados. Às vezes o montante que se recebe do governo federal é muito grande, mas quanto mais repasses há, mais o dinheiro vai sumindo então acho que essa prestação de contas deveria ser mais discriminada e transparente. Dinheiro tem, a gente recolhe muito, a gente gera muito.

**PESQUISADOR: Você consegue definir seu posicionamento político?**

ENTREVISTADO: Hoje eu acho difícil, não consigo definir minha posição política, eu cresci na igreja e hoje a igreja está atrelada ao movimento da direita né, eu comecei a observar mais e eu vejo que as coisas ficaram confusas, mas eu diria que me encontro no centro, porque eu nasci na igreja e isso é muito forte mas tem ideias nesse meio que eu não concordo e está defasado, algumas ideias devem ser alteradas, essas ideias eu vejo sendo representadas melhor na esquerda, então eu me colocaria no centro.

**PESQUISADOR: Essas ideias estariam atreladas às questões sociais?**

ENTREVISTADO: Exatamente, principalmente isso.

**PESQUISADOR: E por que você considera esse posicionamento mais adequado?**

ENTREVISTADO: Tem muito a questão das minhas experiências pessoais mesmo, o que eu aprendi e vivi, essa questão da igreja é forte, mas também tem o pensamento no próximo, todas coisas que eu aprendi desde cedo. Eu acho então que isso deve ser levado para política, nós podemos ter representantes e grupo X e Y também, eu não quero ser representado para sobrepor outros grupos, eu quero ser representado de forma igualitária, de forma que todos grupos tenham a sua voz, é mais questão de me sentir representado.

**PESQUISADOR: Você acha que a atuação política dos evangélicos como grupo tem limite?**

ENTREVISTADO: Claro.

**PESQUISADOR: Ela deveria se limitar à preservação dos direitos religiosos?**

ENTREVISTADO: Exatamente. Tipo, vamos proibir o casamento gay, eu não concordo, esse é um grande exemplo, porque eu vejo isso como um pecado, então eu só quero

que seja preservada a igreja na liberdade de não ser obrigada a casar no espaço que a gente considera sagrado.

**PESQUISADOR: Esse limite tem sido respeitado?**

ENTREVISTADO: De maneira alguma, hoje é só ataque, todos os grupos acabam agindo assim. Virou muito menos uma defesa e se tornou uma guerra, tanto da parte dos evangélicos, dos estudantes e dos homossexuais.

**PESQUISADOR: Você se sente ameaçado politicamente por outros grupos?**

ENTREVISTADO: Hoje não, porque o grupo evangélico está bem representado, até excessivamente, e quando eu digo bem, não é em qualidade, mas em quantidade.

**PESQUISADOR: Mas você acredita numa tentativa de ferir os seus direitos?**

ENTREVISTADO: Sim, mas acredito que isso já é resultado do próprio posicionamento evangélico, como uma reação, porque tem outros grupos que sofrem há muito tempo, que estão apanhando e precisam se organizar.

**PESQUISADOR: E você acredita que os evangélicos também agem incisivamente como uma reação?**

ENTREVISTADO: Pensando em quem iniciou essa guerra, eu poderia citar algumas poucas vezes que eu me senti ofendido, seria mais naquela época da passeata gay em que teve os crucifixos dentro das genitálias, ali eu me senti ofendido sobre a representação do sagrado, entendo que passou do limite, mas não me sinto tão ameaçado quanto as pessoas que se sentem a longa data, se eu fosse dizer quem iniciou eu diria que os cristãos iniciaram porque o Brasil sempre foi majoritariamente cristão.

**PESQUISADOR: Você acredita que os evangélicos como grupo político devem ter um posicionamento definido?**

ENTREVISTADO: Um posicionamento universal? Eu acho muito complexo porque são muitas denominações, acho que é muito complicado encontrar esse denominador comum, o mais próximo disso é ter alguém que atenda às necessidades básicas do grupo.

**PESQUISADOR: E quais seriam essas coisas básicas?**

ENTREVISTADO: Prezar pela liberdade de culto, do espaço em si, para não ser violado né, ou restringido.

**PESQUISADOR: E como você enxerga a relação da igreja com a política?**

ENTREVISTADO: Acho que tem ultrapassado muito os limites básicos porque ao meu ver a igreja não está preocupada em defender os direitos básicos do cristão, mas vejo preocupação financeira e em tirar proveito político para algumas pessoas e para as instituições.

**PESQUISADOR: E você acha que a igreja tem utilizado um discurso de defesa para arregimentar as pessoas visando esse objetivo financeiro?**

ENTREVISTADO: Eu acho.

**PESQUISADOR: Você é a favor das candidaturas evangélicas?**

ENTREVISTADO: De maneira ideal, sim. Mas da forma como é hoje, não. Isso porque escolhem candidatos em benefício próprio.

**PESQUISADOR: E a igreja como instituição deve apoiar essas candidaturas?**

ENTREVISTADO: De forma alguma. Eu mesmo quando vejo a igreja apresentando alguém, eu meio que já sei a intenção por trás daquilo, eu já desconfio. Mas como eu disse, de forma utópica os grupos devem se unir para eleger pessoas, mas da forma como é na igreja eu não concordo.

**PESQUISADOR: O que você considera mais importante para que um candidato receba seu apoio?**

ENTREVISTADO: Nossa, isso é complicado porque a gente se decepciona muito, então tem que analisar o que dá para analisar né? Porque discurso todo mundo tem. Então eu gosto de ver o que a pessoa já fez para poder representar. Tem que analisar o passado, se é ficha limpa, se já se envolveu em caso investigativo ou caso de polícia, é mais isso.

**PESQUISADOR: E se pudesse falar de bandeiras, quais seriam as prioritárias?**

ENTREVISTADO: Bom, eu daria preferência a um cristão, mas se houvesse outro candidato com boas propostas, eu votaria tranquilamente. Tem que se preocupar com a desigualdade e distribuição de renda, tem que saber que a educação é algo primordial. Alguém que tenha cuidado, zelo e muito conhecimento para falar sobre segurança pública porque não é um tema simples que pode ser resolvida com uma única medida.

**PESQUISADOR: Você votaria em alguém que defenda pautas progressistas?**

ENTREVISTADO: Se essa pessoa correspondesse às demais ideias, não teria problema. Porque de qualquer forma, os evangélicos vão ser representados, então não tem problema eu votar nessa pessoa e se a pauta progressista representar a vontade da maioria, não tem o que fazer também.

**PESQUISADOR: Você votaria em alguém em razão da indicação das suas relações na igreja ou das lideranças?**

ENTREVISTADO: Eu não me basearia nisso, mas eu poderia analisar.

**PESQUISADOR: Você se sentiria sugestionado caso acontecesse?**

ENTREVISTADO: Não mesmo, hoje eu tenho receio e até aversão a candidatos que sejam apresentados na igreja, só de a igreja falar eu já fico desconfiado.

**12 - Marleide - Mulher - 45  
anos – Empresária –  
Missionária - Líder de Jovens.**

**PESQUISADOR: O que você entende por política?**

ENTREVISTADO: Política é a roubalheira, mas é uma forma de organizar a sociedade.

PESQUISADOR: **Então você acha que a política está afetada pela corrupção?**

ENTREVISTADO: Com certeza.

PESQUISADOR: **A corrupção é o grande mal da política?**

ENTREVISTADO: Com certeza.

PESQUISADOR: **E a senhora pensa que ela vem de onde?**

ENTREVISTADO: Ela vem do indivíduo que contamina os grupos, mas acho que vem da pessoa que mostra o que ela é e seus interesses pessoais.

PESQUISADOR: **A política não cumpre com aquilo para o que ela foi estabelecida?**

ENTREVISTADO: Acho que não, eu sou muito cética com o ser humano, eu tenho exemplos próximos de que as pessoas levam muito os seus interesses pessoais para a política.

PESQUISADOR: **A senhora consegue definir sua posição política, bem como as bases desse pensamento?**

ENTREVISTADO: Eu me considero conservadora, sem dificuldade de ver o progressismo com bons olhos em algumas coisas, eu digo mais sobre família, propriedade privada e liberdade. Eu tenho essa base conservadora por família, não tem como fugir muito disso, é uma base bíblica e de criação.

PESQUISADOR: **Os evangélicos como grupo político, devem ter um pensamento definido?**

ENTREVISTADO: Não, acho que existem pontos em comum, como família e a liberdade religiosa, mas não passa muito disso não. Eu não digo por exemplo, que um casal homossexual não possa casar ou adotar uma criança. É melhor deixar a criança sozinha? Não é, a pessoa conquista bens com a outra e não pode ser resguardada juridicamente? Não né, a bíblia já dá a nossa liberdade de escolha. O que eu acho mais complicado é quando esses grupos mais liberais tentam invadir nossos direitos.

PESQUISADOR: **E você acredita que esse limite tem sido ultrapassado?**

ENTREVISTADO: Eu acredito sim. Acho que é tão assim que as vezes que a gente se sente errado ou preconceituoso só por ter uma família tradicional e ser evangélico.

PESQUISADOR: **Como evangélica a senhora sente que seus princípios estão politicamente ameaçados?**

ENTREVISTADO: Eu me sinto.

PESQUISADOR: **A senhora acredita que os evangélicos devem se organizar como grupo para combater isso?**

ENTREVISTADO: Eu também não gostaria que fosse assim não. Eu nem sei se eles se preocupam tanto com isso.

PESQUISADOR: **A atuação tem outras finalidades?**

ENTREVISTADO: Só interesses, mas deveria existir. Todo mundo vai pegar um discurso, aí eles utilizam né.

**PESQUISADOR: O discurso tem sido utilizado como estratégia?**

ENTREVISTADO: Não por todos, mas a maioria utiliza como estratégia.

**PESQUISADOR: Como a senhora enxerga a relação da igreja com a política?**

ENTREVISTADO: Acho ruim pelo que eu vejo né? Por exemplo, na minha igreja eu não vejo uma relação boa, usam esse discurso, mas você vê que o resultado é outro, está voltado para os interesses próprios, então não tem credibilidade.

**PESQUISADOR: A senhora acredita que essa inversão dos interesses na política, afeta o evangelho de alguma forma?**

ENTREVISTADO: Acho que afeta porque as pessoas passam a ficar descrentes e não gostar do ambiente, então afeta. Até porque eu não digo que um cristão não possa estar na política, mas os pastores de igreja já são diferentes. E digo que de algum tempo para cá a gente vê a igreja mudando o foco que deveria ser as pessoas e passa a ser essa pauta política. Essa luz da igreja tem que brilhar na sociedade, não na política, os valores estão invertidos e o povo só pensa em brigar. Acho até que os evangélicos se comportam tão mal na política que acaba enfurecendo mais ainda os outros grupos, sabe? Tipo de ficar cutucando, querendo ferrenhamente uma representação política tem causado mais revolta dentro da igreja e mais perseguição externa, seria diferente se fizesse o papel na sociedade caladinho.

**PESQUISADOR: Você entende que esse comportamento político é uma reação?**

ENTREVISTADO: Isso, uma ação causa reação né, mas eu não sei quem está reagindo, sei que acontece.

**PESQUISADOR: Você é a favor de candidaturas evangélicas?**

ENTREVISTADO: Sim, porque cada grupo vai colocar alguém para representar, daí se ficarmos quietos, seremos engolidos.

**PESQUISADOR: Você acredita que a igreja deva apoiar institucionalmente essas candidaturas?**

ENTREVISTADO: Deve instruir.

**PESQUISADOR: Mas deve participar da organização?**

ENTREVISTADO: Se houvesse interesse coletivo, sim. Mas eu sou tão cética que eu só vejo interesse mesmo. E às vezes, as pessoas que tem cargo como eu, tem que ficar calado né? Por causa da hierarquia e quando as coisas se misturam...

**PESQUISADOR: A senhora enxerga algum limite para a atuação evangélica na política?**

ENTREVISTADO: Tem que pensar na forma como o outro grupo também está agindo, né? De repente a gente pode respeitar e ser desrespeitado porque também devemos olhar pelo lado espiritual e ficar alerta. Até porque, a gente vai estar na terra até que Cristo venha, daí a gente tenta colocar lá os menos piores.



**PESQUISADOR: O que você considera mais importante para que um candidato receba seu apoio?**

ENTREVISTADO: Educação, saúde e segurança, mesmo sendo cristão, porque essas coisas são coisas que afetam todos. Educação até porque eu não concordo com um assistencialismo deliberado que torna as pessoas reféns da ajuda do Estado e para benefício de político.

**PESQUISADOR: A senhora votaria em uma pessoa que possuísse essas pautas, mas fosse de outra religião?**

ENTREVISTADO: Sim, claro.

**PESQUISADOR: E caso essa pessoa defendesse pautas progressistas?**

ENTREVISTADO: Se eu tivesse outra opção, eu votaria em outra pessoa.

**PESQUISADOR: Entre essas pautas políticas e os princípios...?**

ENTREVISTADO: Eu fico com os princípios, para não ser contra a família e para não perder o que eu já tenho de direitos né?

**PESQUISADOR: Você votaria em alguém em razão da indicação das suas relações na igreja ou pela liderança?**

ENTREVISTADO: Não mesmo, tenho que conhecer a pessoa.

**13 - Moacir - Homem - 50  
anos – Médico – Missionário.**

**PESQUISADOR: O que você entende por política?**

ENTREVISTADO: No Brasil eu enxergo como uma forma corrupta de se ganhar a vida, hoje eu enxergo assim. Mas é uma necessidade básica de todo mundo, né? Mas hoje o que está pegando mais é a corrupção.

**PESQUISADOR: De onde você acha que vem essa corrupção?**

ENTREVISTADO: O Brasil é o país do jeitinho né? Na política não é diferente, é interesse pessoal, de grupo, de empresário, de grandes empresas de partidos políticos.

**PESQUISADOR: Você consegue definir sua posição política e as bases desse pensamento?**

ENTREVISTADO: Eu sou anticorrupção, eu entrei nessa onda aí, mesmo com o Bolsonaro, eu vejo que hoje 50% do que ele fala está certo, e eu estou nesses 50%.

**PESQUISADOR: Você acredita que os evangélicos como grupo político devam ter uma posição política definida?**

ENTREVISTADO: Não, porque é um grupo que se perde fácil nas coisas, passa a inverter as prioridades, acho que pode ter uma orientação certinha, em termo de voto e tal, mas sem dar preferência para coisas políticas, especialmente os pentecostais, eles cegam facilmente.

**PESQUISADOR: E como o senhor enxerga a relação da igreja com a política?**

ENTREVISTADO: É necessário porque a igreja está inserida na sociedade então a gente precisa se manifestar, a gente não pode ficar calado mais. A questão é que você vê algumas igrejas que fazem seus candidatos, né? Mas depois isso acaba manchando a imagem da igreja, então tem igrejas que sabem fazer política e igrejas que não.

**PESQUISADOR: Você é a favor de candidaturas evangélicas?**

ENTREVISTADO: Totalmente.

**PESQUISADOR: E a igreja deve apoiá-las institucionalmente?**

ENTREVISTADO: Perfeitamente, mas tem que ter um equilíbrio e discricão, tem as igrejas que sabem ser organizadas e tem as que saem brigando, uma coisa feia.

**PESQUISADOR: Qual a importância das candidaturas evangélicas na política?**

ENTREVISTADO: O parlamento é uma representatividade da nação, então é essa questão de representação. A gente não pode aceitar só o cara ir na igreja e falar um monte de coisa, a gente precisa ser representada de verdade e não os interesses próprios sendo representados, os pessoais. Mas acho que o cristão deve se envolver politicamente em tudo, em partido em movimento tem que estar mesmo.

**PESQUISADOR: Existe algum limite para essa participação?**

ENTREVISTADO: Essa pergunta é interessante, porque essa pergunta fala sobre até onde vai o meu direito se a gente pensa diferente né? E o seu direito, ele precisa ser preservado tanto quanto o meu, tem que ter esse equilíbrio e esse limite.

**PESQUISADOR: Esse limite tem sido ultrapassado?**

ENTREVISTADO: Tem sim, por exemplo, o Malafaia ele é da extrema direita, ele já não é contra os LGBT ele é anti LGBT, ele não aceita mesmo, e os homossexuais também não querem nem saber de igreja e virou dois polos que não faz bem para a convivência.

**PESQUISADOR: Uma atuação muito incisiva por parte do grupo evangélico é uma reação a esse sentimento?**

ENTREVISTADO: Esta reação que a gente vê hoje, ela é motivada também por esses grandes líderes, daí juntam alguns discursos como o da corrupção e da ameaça aos direitos dos evangélicos, aí inflama as pessoas. Mas com certeza tem uma reação, porque você vai vendo e ouvindo as coisas que parece que a única opção é ser um ativista, digamos assim.

**PESQUISADOR: O senhor acredita que essa motivação das lideranças faz parte de uma estratégia política?**

ENTREVISTADO: Política pura, purinha. Mas tem a política e tem a mistura com um sentimento puro das pessoas que já não aguentam muita coisa né?

**PESQUISADOR: O que você considera mais importante observar para que um candidato receba seu apoio?**

ENTREVISTADO: A vida da pessoa, tem que analisar se a pessoa não tem histórico.

**PESQUISADOR: E quais bandeiras ele deve defender?**

ENTREVISTADO: Da família, da educação, um ensino cristão, contra o aborto, o casamento homoafetivo eu nem digo, sabe?

**PESQUISADOR: Mas seria contra?**

ENTREVISTADO: Não, contra não, desde que o casamento não aconteça na igreja, entende? Casa lá no civil e vai do cartório para a bagaceira mesmo.

**PESQUISADOR: Você votaria em algum candidato que não correspondesse a essas pautas que o senhor citou?**

ENTREVISTADO: Só se ele me enganar, porque eu sou extremamente democrático, mas extremamente de direita hoje em dia.

**PESQUISADOR: O senhor votaria em alguém em razão da indicação das relações da igreja ou das lideranças?**

ENTREVISTADO: Jamais, quanto mais perto do líder, mais longe de Deus sabia? Votaria se eu concordasse ou conhecesse a pessoa.

**14 - Edilson - Homem - 48  
anos – Pastor - Professor de  
Teologia e Escola bíblica.**

**PESQUISADOR: O que você entende por política?**

ENTREVISTADO: Bem, levando por base a minha formação, além da teológica, eu tenho formação em recursos humanos e licenciatura em história, então eu acabo analisando de forma mais técnica, mas de uma visão mais pessoal, eu vejo como uma forma de governo de administrar os recursos do país. Isso pode ser com leis ou administração socioeconômica do país fazendo a máquina andar de forma direta e direita, a fim de atender a população de todas as classes.

**PESQUISADOR: Como você enxerga isso na prática?**

ENTREVISTADO: Na prática já foge dessa teoria, você observa que na prática os políticos, os representantes escolhidos, na sua maioria, sem medo de errar, estão mais por interesse próprio. Ou seja, prometem uma representação, mas depois que chegam lá, são raros os que cumprem com as promessas. Sendo cristão ou não cristão, tem essa praga da corrupção.

**PESQUISADOR: Você enxerga a corrupção como o grande mal da política?**

ENTREVISTADO: Um dos grandes males, certamente. A partir do momento que se deixa de aplicar a política da forma como ela deve ser feita e passa a usufruir disso para benefício próprio, é um grande problema. Se a gente observar os grandes casos de corrupção costumam ser relacionados a desvio de dinheiro para grupos específicos e geralmente

empresas, né?

**PESQUISADOR: Você consegue definir sua posição política e as bases desse pensamento?**

ENTREVISTADO: Eu não sou muito fã de me envolver, mas pelo fato de eu ter feito história eu fui inserido nesse contexto, né? Você tem que conhecer do assunto, não tem outro jeito. Então na realidade eu nunca parei para pensar com precisão sobre essa questão de posicionamento, eu particularmente analiso como pastor e cristão. Eu procuro olhar as propostas que são apresentadas pelos políticos e baseado nessa plataforma analisar aquilo que vai trazer benefício para a sociedade e para a igreja. Na realidade eu não me prendo a nenhuma base de pensamento, mas tem coisas que para mim são absurdas, como cristão.

**PESQUISADOR: Você conseguiria elencar essas plataformas que são primordiais para o senhor?**

ENTREVISTADO: Defesa da família, defesa dos direitos sociais, educação para as crianças de acordo com padrões sociais, éticos e morais, de acordo com aquilo que é dentro de uma família tradicional. As pessoas questionam muito a questão da família tradicional, né? Mas o padrão bíblico é o que eu acredito, como cristão não posso defender outra coisa, outro padrão. Hoje querem empurrar outras ideias goela abaixo, até mesmo entre os cristãos, me admira o cristão que apoia essas coisas e hoje infelizmente, são muitos.

**PESQUISADOR: Os evangélicos como grupo político devem ter um posicionamento definido?**

ENTREVISTADO: Seria o ideal. Mas há um problema sério nas igrejas que é a falta de formação política, sem medo de ser feliz, com muita sinceridade a igreja é o maior curral eleitoral, porque as pessoas votam por obediência, que é uma questão forte nesse contexto. Eu nunca votei em político indicado pela igreja porque como eu te falei, eu analiso a base do cara.

**PESQUISADOR: Como você enxerga a relação da igreja com a política?**

ENTREVISTADO: É o seguinte, tem que ter político evangélico? Tem. Mas como eu disse, a igreja deve ter pessoas preparadas como uma equipe para trazer a conscientização política dentro da igreja e esse trabalho deve ser feito bem antes das eleições, porque a igreja só fala de política em período eleitoral. Deveria ter o ensino do que é política, como um cristão deve agir na política, o que o cara faz lá dentro. Olha, os evangélicos, se tivesse organização, teriam capacidade de eleger um presidente evangélico.

**PESQUISADOR: Você acredita que esses interesses deturpados estão dentro da igreja também?**

ENTREVISTADO: Sim, claro. Por que você acha que cada igreja tem o seu candidato? Para beneficiar aquela determinada igreja.

**PESQUISADOR: Você é a favor de candidaturas evangélicas?**

ENTREVISTADO: Sim, mas pastores não.

**PESQUISADOR: Por quê?**

ENTREVISTADO: Porque é bíblia, pastor foi chamado para apascentar as ovelhas, e Deus constituiu as pessoas para a política, acho que cada coisa é uma coisa, você não vê Jesus nem os apóstolos se envolvendo em nada de política daquela época. Por isso a igreja vem perdendo a qualidade, cresce em quantidade, mas as igrejas se perderam, estão preocupadas com outras coisas.

**PESQUISADOR: Você acredita que a igreja deve apoiar institucionalmente essas candidaturas evangélicas?**

ENTREVISTADO: Sim, porque cada grupo tem seus representantes.

**PESQUISADOR: Mas as lideranças devem participar dessa composição?**

ENTREVISTADO: Primeiro aquilo que eu disse, a conscientização tem que ocorrer, você tem que despertar o sentido político nessas pessoas, independente de denominação ou instituição específica.

**PESQUISADOR: Qual a importância da presença evangélica na política?**

ENTREVISTADO: Defender nossos direitos mesmo, porque as leis estão aí para derrubar a igreja. Por mais que a constituição nos dê a liberdade de culto e de expressão né? Por mais que o Estado seja laico, mas a gente sabe que tem uma tendência religiosa, a igreja ainda assim, é perseguida.

**PESQUISADOR: Você se sente politicamente ameaçado?**

ENTREVISTADO: Sim, a partir do momento que os camaradas levantam leis que obrigam a igreja a fazer algo, ou beneficiar uma minoria, não deixa de ser uma ameaça.

**PESQUISADOR: Você acha que a atuação evangélica na política tem algum limite?**

ENTREVISTADO: Sim, não pode ferir os princípios bíblicos. Se a pessoa se envolve na política, ela tem que conseguir não se corromper.

**PESQUISADOR: O que você considera mais importante observar em um candidato para que ele receba seu apoio?**

ENTREVISTADO: Eu observo os princípios morais, a defesa da família, a proteção à mulher e à criança, coisas que não vão ferir os princípios e direitos da igreja e da religião. As leis vêm para abafar o evangelho, então quero alguém que represente isso.

**PESQUISADOR: O senhor votaria em um candidato não cristão em alguma hipótese?**

ENTREVISTADO: Já votei, mas hoje eu pensaria muito. Você tem que manter o pensamento naquilo que você quer defender.

**PESQUISADOR: Votaria em alguma hipótese em alguém com pautas progressistas?**

ENTREVISTADO: Não.

**PESQUISADOR: Você votaria em alguém em razão da indicação das relações na igreja ou da liderança?**

ENTREVISTADO: Só se eu conhecer, então é relativo. Eu vejo nas indicações da igreja, apenas interesses próprios, é só você observar.